



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO

**TRADUÇÃO LITERÁRIA E FEMINISMO NEGRO: UM EXERCÍCIO DE  
TRADUÇÃO SOBRE A OBRA ENSAÍSTICA DE HEIDI SAFIA MIRZA**  
Bárbara Stefany Menezes dos Santos

**Brasília-DF**  
Dezembro – 2023

**BÁRBARA STEFANY MENEZES DOS SANTOS**

**TRADUÇÃO LITERÁRIA E FEMINISMO NEGRO: UM EXERCÍCIO DE  
TRADUÇÃO SOBRE A OBRA ENSAÍSTICA DE HEIDI SAFIA MIRZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Letras-Tradução Inglês da  
Universidade de Brasília como quesito parcial para a  
obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução  
Inglês. Orientadora: Profa. Dra. Carolina Pereira  
Barcellos

**Brasília–DF  
2023**

Bárbara Stefany Menezes Dos Santos

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina Projeto Final do Curso de Letras – Tradução (inglês), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Pereira Barcellos, da Universidade de Brasília (UnB).

**Banca examinadora:**

---

Profa. A Dra. Carolina Pereira Barcellos  
(Orientadora)

---

Profa. A Dra. Rachael Annelise Radhay  
(Examinadora)

---

Profa. Me. Myllena Ribeiro Lacerda  
(Examinadora)

**Brasília, dezembro de 2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram de maneira significativa para a realização deste trabalho. Em especial, quero dedicar este momento para agradecer a minha mãe, cujo apoio incansável e inspiração constante foram a luz guia durante toda a jornada acadêmica. Seu amor e sabedoria foram a força propulsora por trás dos meus esforços durante a graduação, e por isso, dedico a ela uma gratidão eterna.

Aos dedicados professores que compartilharam seu conhecimento e experiência ao longo deste percurso, expressei meu sincero apreço. Suas orientações e ensinamentos foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e profissional. Cada lição recebida moldou meu caminho e enriqueceu minha compreensão sobre o mundo ao meu redor.

Por fim, expressei meu reconhecimento a todos os que, de alguma forma, foram parte integrante deste percurso. Cada experiência, desafio e aprendizado foram peças fundamentais na construção do conhecimento que hoje compartilho. Muito obrigado a todos que tornaram esta jornada possível.

## RESUMO

Este trabalho fez uma análise reflexiva da tradução do ensaio: "Decolonizing Higher Education: Black Feminism and the Intersectionality of Race and Gender" de Heidi Safia Mirza. A escolha desse texto foi impulsionada pelo interesse em abordar questões relacionadas ao feminismo negro e pela oportunidade de discutir desafios específicos "do gênero literário, de ensaio" relacionados à tradução. O ensaio explora as experiências de mulheres racializadas no ensino superior, utilizando estruturas do feminismo negro e da interseccionalidade de raça e gênero para enriquecer a análise. Em seguida, é abordada a tradução do texto. A concepção da tradução parte da perspectiva de que toda tradução é um ato político, e a tradutora não pode se eximir de uma postura política diante das temáticas abordadas, conforme destaca Baker (2016). Alinhada à vertente da Tradução como um ato político, a versão em português utiliza análise de material teórico para fundamentar as reflexões sobre as pautas exploradas no trabalho. Os objetivos específicos incluíram: i) refletir sobre as temáticas do feminismo negro, a tradução de ensaios, a tradução feminista e a tradução de ensaios; ii) incorporar uma discussão "sobre o fazer" tradutório que promova reflexões sobre os aspectos linguísticos, histórico-culturais, sociais e discursivos, conferindo presença à tradutora no texto traduzido e ampliando sua voz por meio das escolhas tradutórias realizadas.

**Palavras-chave:** Estudos da tradução; tradução como ato político; tradução feminista; tradução de ensaios; tradução feminista negra.

## ABSTRACT

This paper is a reflective analysis of the translation of the essay: "Decolonizing Higher Education: Black Feminism and the Intersectionality of Race and Gender" by Heidi Safia Mirza. The choice of this text was driven by an interest in addressing issues related to black feminism and the opportunity to discuss specific challenges "of this kind of text" related to translation. The essay explores the experiences of racialized women in higher education, using frameworks from black feminism and the intersectionality of race and gender to enrich the analysis. Next, the translation of the text is addressed. The concept of translation starts from the perspective that every translation is a political act, and the translator cannot be exempt from a political stance on the issues addressed, as Baker (2016) points out. In line with Translation as a Political Act, the Portuguese version uses an analysis of theoretical material to support reflections on the topics explored in the work. The specific objectives included: i) reflecting on the themes of black feminism, the translation of essays, feminist translation and the translation of essays; ii) incorporating a discussion "about doing" translation that promotes reflections on linguistic, historical-cultural, social and discursive aspects, giving the translator a presence in the translated text and amplifying her voice through the translation choices made.

**Keywords:** Translation Studies; Translation as a Political Act; Feminist Translation; Essay Translation; Black Feminist Translation.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 — Estrutura Extraída do Ensaio Original.....	15
Figura 2 — Site em que o Ensaio foi Publicado.....	16
Figura 3 — Heidi Safia Mirza.....	19

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Black and ethnicized women.....	35
Quadro 2 Black and ethnicized women com Cornelia Sorajib.....	36
Quadro 3 Black lady Overachiever ou welfare mother.....	36
Quadro 4 Movimento sufragista.....	38
Quadro 5 Herstory.....	38
Quadro 6 Womanist.....	39
Quadro 7 Whiteness.....	40
Quadro 8 Whiteness.....	40
Quadro 9 Análise de conotação semântica por Cornelia Sorajib.....	42
Quadro 10 Análise de conotação semântica por Patricia Hill Collins.....	43
Quadro 11 Decodificando conotações para descrever pessoas de diferentes etnias.....	44
Quadro 12 Conotação semântica em sentido pejorativo.....	45

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>13</b>
1.1.1 A obra.....	13
1.1.2 A autora.....	17
1.2.1 O feminismo negro.....	19
1.2.2 Tradução como ato político e a Tradução de ensaios.....	25
1.2.3 Tradução feminista.....	30
<b>CAPÍTULO 2: ANÁLISE DO EXERCÍCIO TRADUTÓRIO.....</b>	<b>35</b>
2.1 Análise de itens lexicais do feminismo negro na tradução.....	35
2.2 Exploração da tradução política e ensaística sob a perspectiva da causalidade.....	39
2.3 Construção estética na tradução.....	43
<b>3 . CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE</b>	



## INTRODUÇÃO

Este trabalho traduziu e analisou a obra "Decolonizing Higher Education: Black Feminism and the Intersectionality of Race and Gender", ensaio produzido no ano de 2014, no site Journal of Feminist Scholarship, pela profa. dra. Heidi Safia Mirza. Ao imergir na complexidade deste trabalho, que traduz um ensaio que fala sobre a descolonização do ensino superior, baseando-se na vivência de mulheres de cor no ensino, superior nosso objetivo não é apenas discutir sobre as barreiras linguísticas, mas queremos desvelar as reflexões da autora sobre a descolonização do ensino superior e a interseccionalidade entre raça e gênero.

O primeiro capítulo se dedica à análise da obra original, a autora e a reflexão do material teórico, extraindo as principais contribuições e perspectivas que permeiam a descolonização do ensino superior, tradução de gênero, tradução feminista, tradução como um ato político e a análise da tradução de ensaios, fornecendo uma compreensão melhor do texto-fonte. Este exame abrangente não se limita apenas à compreensão do conteúdo do ensaio original, mas visa destacar a profundidade das ideias do autor, contribuindo para um enriquecimento do material teórico. Além disso, ao examinarmos detalhadamente a tradução de ensaios, destacamos as sutilezas e decisões linguísticas que desempenham um papel fundamental na transmissão eficaz das ideias presentes no texto original.

O embasamento teórico incorpora reflexões sobre a tradução sob a perspectiva do feminismo negro, como proposto por Hamilton (2018) e Rêgo (2018), que explora a realidade do feminismo negro nos Estudos de Tradução no Brasil. Além disso, para embasar a análise, a tradução como um ato político, conforme defendido por Baker (2018) também ressalta a escolha tradutória feita pela tradutora neste trabalho. Essa fundamentação é crucial para a compreensão das nuances presentes na obra original.

O segundo capítulo volta à discussão da tradução, utilizando as análises teóricas, refletindo sobre a tradução de ensaios, e itens léxicos do feminismo negro que podem transmitir significados mal interpretados no texto-alvo caso não sejam bem analisados. Neste contexto, a abordagem utilizada busca ir além do ato tradutório das palavras, o presente trabalho almeja preservar a essência conceitual e emocional da obra no Texto Alvo. Reconhecendo a tradução como uma forma de interpretação sensível, o objetivo é tornar as complexidades inerentes ao processo de descolonização no contexto educacional para falantes da língua portuguesa acessíveis.

O objetivo deste trabalho é realizar a tradução de um ensaio que anteriormente não estava acessível na língua portuguesa, tornando-o disponível para falantes de português que

não possuam conhecimento na língua do texto original. Essa iniciativa visa ampliar a discussão sobre as questões defendidas pelo feminismo negro, abordando especificamente as desigualdades de gênero e raça enfrentadas por mulheres negras ao adentrarem o meio acadêmico. Sendo os objetivos específicos: i. apresenta o texto, a autora e o aporte teórico; ii. Realizar a tradução e análise do texto.

O presente trabalho possui três capítulos. O primeiro está dividido em cinco seções; a seção (1.1.1) está dedicada a apresentar a obra; a (1.1.2) sua autora e repercussão; a (1.2.1) em revisar a literatura no campo de gênero e do feminismo; a sessão (1.2.2) discute a difícil tarefa de ver a tradução como ato político e a Tradução de ensaios; e a seção (1.3) aborda as nuances da tradução feminista. No capítulo seguinte, discutimos as bases teóricas utilizadas, a começar pela análise de itens léxicos do feminismo negro (2.1) e em seguida, exploramos a mais desses termos voltados para a tradução de política ensaística sob a perspectiva da causalidade, finalizando este capítulo com (2.3) construção estética na tradução. Por último, o capítulo quatro apresenta as considerações finais.

## **CAPÍTULO 1: ANÁLISE TEÓRICA**

Neste capítulo, abordaremos o ensaio de Heidi Safia Mirza, intitulado "Decolonizing Higher Education: Black Feminism and the Intersectionality of Race and Gender" (2014). Exploraremos não apenas o texto em si, mas também a autora e o material teórico de apoio, proporcionando uma reflexão sobre o conteúdo original. Esta obra se destaca como uma contribuição significativa nos debates sobre feminismo negro e descolonização do ensino superior. Ela amplia as discussões relacionadas ao tema, facilitando a compreensão das dinâmicas de raça e gênero que afetam as mulheres de cor que transitam pelas estruturas acadêmicas.

No seu ensaio, a narrativa de Mirza conduz uma análise aprofundada das interconexões entre raça e gênero. Ela compartilha suas próprias experiências e as de outras mulheres de cor no ambiente acadêmico, revelando como o racismo e o sexismo podem se manifestar nesse contexto específico.

Para embasar e explorar a tradução deste ensaio, examinaremos um material teórico que não apenas sustenta, mas também enriquece a compreensão da obra no contexto do estudo da tradução. Este material inclui análises referente a tradução de textos do feminismo negro que abordam a temática similar a da obra de Heidi, realizadas por estudiosos como Luciene do Rêgo(2018), Norma Hamilton (2018), Ana Maria Schäffer (2010), entre outros. Ao adentrarmos nesse cenário intelectual, nosso objetivo é não apenas compreender a obra em si, mas também contextualizá-la em um campo teórico sólido de tradução, que amplifique e enriqueça as reflexões propostas por Mirza para a língua portuguesa.

### **1.1.1 A Obra**

O ensaio "Descolonizando o Ensino Superior: Feminismo Negro e a Interseccionalidade de Raça e Gênero", de Heidi Safia Mirza, propõe uma análise profunda e perspicaz das dinâmicas que permeiam as estruturas acadêmicas. A autora, com sua abordagem, guia-nos por uma exploração das interconexões entre raças e gênero, oferecendo uma contribuição significativa para a compreensão das complexidades inerentes ao sistema educacional.

A autora estabelece a importância de descolonizar o ensino superior, destacando a necessidade de questionar as narrativas dominantes e reconhecer as lacunas existentes. Ao

adotar uma perspectiva crítica, ela sinaliza a urgência de uma abordagem mais inclusiva, que considera as vozes historicamente marginalizadas.

Esta obra representa uma jornada intelectual reveladora que desvenda as intrincadas conexões da interseccionalidade de raça e gênero. A autora, em sua narrativa, explora essas interconexões, demonstrando como tais fatores moldam as experiências no ambiente acadêmico. Utilizando uma escrita lúdica, a autora reflete sobre o potencial transformador de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Dessa forma, a obra aborda a relevância do feminismo negro no contexto acadêmico, destacando sua capacidade de desafiar a hegemonia existente. Mirza evidencia como a interseccionalidade transcende a teoria, atuando como uma ferramenta eficaz para compreender as experiências das mulheres negras nas instituições de ensino superior. Ao proporcionar uma análise profunda, a obra convida os leitores a repensarem os conceitos tradicionais e a considerarem a importância de uma perspectiva mais ampla e inclusiva.

A autora também explora a necessidade de uma educação verdadeiramente descolonizada. O texto destaca que o processo de descolonização não se limita apenas à diversificação do currículo, mas também envolve a desconstrução de ideias e estruturas que perpetuam a visão eurocêntrica. A obra ressalta a importância de considerar as diversas contribuições para a construção do conhecimento e promover um ambiente acadêmico que valoriza todas as vozes.

Em conclusão, sobre a relevância e o impacto das informações levantadas pela obra original. A autora emerge como uma voz fundamental na discussão sobre a descolonização do ensino superior, oferecendo uma visão penetrante que desafia as normas condicionais. Ao desenvolver as interseções entre raças e gêneros, a obra contribui para a criação de um espaço acadêmico mais inclusivo e reflexivo, onde a diversidade é celebrada e as perspectivas marginalizadas são finalmente reconhecidas. Assim, “Decolonizing higher education” não apenas esclarece as complexidades, mas também inspira uma necessidade de transformação no campo da educação superior.

Apresenta-se, a seguir, as representações da obra original, publicada on-line pelo periódico semestral *Journal of feminist scholarship* cujo objetivo é promover estudos feministas, em diversas áreas de conhecimento, para expandir o alcance e as definições da pesquisa feminista.

### **Figura 1 — Estrutura Extraída do Ensaio Original**

---

## Journal of Feminist Scholarship

---

Volume 7  
Issue 7 Fall 2014/Spring 2015

Article 3

---

Fall 2014

### Decolonizing Higher Education: Black Feminism and the Intersectionality of Race and Gender

Heidi Safia Mirza  
*Goldsmiths College, University of London*

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.uri.edu/jfs>

 Part of the [Feminist, Gender, and Sexuality Studies Commons](#), [Law and Gender Commons](#), and the [Women's History Commons](#)



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative](#)

## Figura 2 — Site em que o Ensaio foi Publicado



# Journal of Feminist Scholarship

[LAR](#) | [SOBRE PERGUNTAS FREQUENTES](#) | [MINHA CONTA](#)

Página inicial do diário

Sobre este diário

Conselho Editorial e Consultivo

Políticas

Chamada de Artigos

Guia de estilo de diário

---

Enviar artigo

---

Artigos mais populares

---

Receba avisos por e-mail ou RSS

---

**QUESTÕES ESPECIAIS:**

Outono de 2021

Outono de 2020

Primavera/Outono 2017

Outono 2014/Primavera 2015

---

Selecione um problema:

**Todos os problemas** ▼

---

**Procurar**

Home > JFS > Iss. 7 (2015)

---

Descolonizando o Ensino Superior: Feminismo Negro e a Interseccionalidade de Raça e Gênero

---

**Heidi Safia Mirza**, *Goldsmiths College, Universidade de Londres*

---

**Abstrato**

Baseando-se na teoria feminista negra, este artigo examina as experiências profissionais de acadêmicas negras e etnizadas pós-coloniais da diáspora no ensino superior. privilégio. As histórias poderosas, mas ocultas, de mulheres negras no ensino superior, como as sufragistas indianas e Cornelia Sorabji no final do século XIX, são simbólicas do apagamento de uma presença feminista/mulherista negra etnizada nos estabelecimentos de ensino tradicionais (brancos). O artigo conclui que a compreensão da agência feminina negra e etnizada e do desejo de educação e aprendizagem está no centro de uma análise feminista negra que reivindica o ensino superior como um local radical de resistência e refutação.

**Citação recomendada**

Mirza, Heidi S., 2015. "Descolonizando o Ensino Superior: Feminismo Negro e a Interseccionalidade de Raça e Gênero." *Journal of Feminist Scholarship* 7 (outono): 1-12. <https://digitalcommons.uri.edu/jfs/vol7/iss7/3>

**Licença Creative Commons**



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem](#)

Download

---

**9.794** TRANSFERÊNCIAS

Desde 20 de novembro de 2018

---

 **MÉTRICAS PLUMX**

---

 **INCLUÍDO EM**

[Commons de Estudos Feministas, de Gênero e Sexualidade](#), [Commons de Direito e Gênero](#), [Commons de História da Mulher](#)

### 1.1.2 A autora

Heidi Safia Mirza, professora da universidade de Goldsmith, em Londres, é um exemplo de professora universitária que aborda pautas referentes ao feminismo negro. Nascida em uma família humilde, em Trindade, a jornada de Heidi para se tornar uma educadora renomada teve seus desafios. No entanto, sua determinação a impulsionou a atuar em áreas de ensino relacionadas a gênero, raça e fé. Abordando as desigualdades étnicas, sociais, religiosas e de gênero que pessoas que pertencentes a esses grupos podem enfrentar, principalmente no ambiente educacional. Neste texto, exploraremos a vida e as experiências de Heidi Safia Mirza como professora universitária, percorrendo a sua carreira e as lições que almeja relatar.

A professora Mirza foi criada em Trindade e aos dezesseis anos após chegar na Inglaterra iniciou seus estudos em Brixton, ela fez sua graduação em Desenvolvimento Humano na Universidade de East Anglia. A autora realizou o doutorado na Universidade de Goldsmith, e sua tese se tornou seu primeiro livro *Young, Female and Black* (1992), sobre a vivência de jovens caribenhas em escolas britânicas.

O interesse de Heidi pelo aprendizado a levou ao caminho do ensino. O que resultou em sua jornada como docente na universidade de Goldsmith, se tornando uma das primeiras professoras de cor do Reino Unido. Seu desejo de falar sobre as pautas de minoria e do feminismo negro a impulsionaram e lecionar sobre os temas mencionados. E conseqüentemente este interesse logo resultou em disciplinas que abordam: raça, gênero e identidade na educação, multiculturalismo, islamofobia e violência de gênero.

A jornada de Heidi como professora universitária teve seus desafios. Sendo uma mulher negra, em um ambiente majoritariamente branco, ela teve de enfrentar preconceitos de gênero e raça em seu cotidiano. No entanto, ela se recusou a ser dissuadida por esses obstáculos, e no texto *Decolonizing Higher Education: Black Feminism and the Intersectionality of Race and Gender*. A autora conta sobre a hostilidade e as dificuldades étnicas e sociais que as mulheres negras enfrentam ao ingressarem no ensino superior. Neste ensaio, a autora também revela ser essencial proporcionar uma referência cultural às jovens que ingressam no ambiente acadêmico, para poderem compreender a origem dos problemas raciais e capacitá-las a compreender de maneira clara e constante os preconceitos ainda persistentes na sociedade. Com determinação, ela discorreu em diversos livros sobre as pautas sociais que ela defende.

Um dos aspectos definidores da carreira de Heidi é o seu compromisso com a orientação dos discentes. Ao longo de sua jornada acadêmica, ela orientou diversos alunos de forma inestimáveis a pesquisar sobre as pautas islâmicas, e o feminismo negro com uma abordagem direcionada ao Pós-Colonialismo e a Interseccionalidade de Raça e Gênero. Inspirada por outras autoras, como, Patricia Hill Collins e Bell Hooks, ela assumiu como missão pessoal orientar e elevar aspirantes a acadêmicos, especialmente aqueles que enfrentam adversidades.

As experiências de Heidi como professora universitária foram além da sala de aula. Ela publicou diversos livros e ensaios que possibilitam aos seus alunos e leitores incorporar e entender um pouco mais sobre as pautas que defende. Alguns de seus livros: *Tackling the Roots of Racism: Lessons for Success* (2005), *Race Gender and Educational Desire: Why Black Women Succeed e Fail* (2009), *Feminismos Negros e Pós-coloniais nos Novos Tempos* (2012) e *Respeitando a Diferença: Raça, Fé e Cultura para Formadores de Professores* (2012).

À medida que a professora Mirza continua a inspirar e moldar as mentes das gerações futuras, o seu legado fica mais forte em sequência. A sua história serve como exemplo para jovens de cor que almejam ingressar como acadêmicas, ilustrando seus atos de resistência, determinação, é possível superar os obstáculos encontrados em suas carreiras e alcançar a grandeza.

A vida e as experiências da professora Heidi como professora universitária são um testemunho da realidade acadêmica para mulheres de cor e do impacto que ela pode causar a um indivíduo. Sua jornada do início até a posição atual na docência foi desafiadora, a sua dedicação ao ensino reforçam as pautas que o feminismo negro aborda em sua vivência e servem de exemplo para outras mulheres negras.

Apresenta-se, a seguir, a representação da autora do ensaio, Heidi Safia Mirza, professora de igualdade de raças e direitos das mulheres na universidade de Goldsmith.

### **Figura 3 — Heidi Safia Mirza**



### 1.2.1 O feminismo negro

O feminismo negro é um movimento político e social originado nos Estados Unidos, cujo propósito é promover uma emancipação abrangente das mulheres e defender seus direitos políticos. Além disso, ele desempenha um papel crucial na resistência contra a desestabilização do racismo, sexismo e outros preconceitos associados às mulheres negras. Este movimento busca quebrar a concepção equivocada de que o feminismo é exclusivamente uma prática política realizada por mulheres brancas, proporcionando voz às mulheres de cor e refletindo na sociedade as questões que são pertinentes.

Conforme argumentado por Luciene do Rêgo (2018), em sua tese de mestrado intitulada: “PARA LEVANTAR AS MULHERES” : Harriet Ann Jacobs, (Re)Tradução Feminista Negra Comentada de *Incidents in the Life of a Slave Girl* (1861). O feminismo, em si, não contemplava as adversidades e questões vinculadas aos problemas enfrentados pelas mulheres negras. Por essa razão, o feminismo negro surge como uma iniciativa para reivindicar suas vozes e destacar as batalhas que enfrentam, se desenvolvendo, assim, proporcionando visibilidade às suas lutas.

Desse modo, vejo o feminismo como um movimento político que, apesar de advogar a favor dos direitos das mulheres de um modo geral, não consegue dar conta das especificidades e dificuldades vivenciadas pelas mulheres negras em suas mais diversas subcategorias de opressão. (do Rêgo, 2018, p 47)

O feminismo negro, segundo Patricia Hill Collins, doutora em sociologia e professora na Universidade de Maryland, destaca-se por sua abordagem interseccional, que analisa a interação entre gênero e raça na experiência das mulheres negras. Collins argumenta que essas mulheres enfrentam sistemas de opressão complexos, sendo frequentemente marginalizadas tanto em movimentos feministas quanto em movimentos negros. A autora enfatiza a importância da voz e da autonomia das mulheres negras na construção de um movimento que combata todas as formas de opressão que elas enfrentam.

Usar o termo “feminismo negro” desestabiliza o racismo inerente ao apresentar o feminismo como uma ideologia e um movimento político somente para brancos. Inserindo o adjetivo “negro” desafia a branquidão presumida do feminismo e interrompe o falso universal desse termo para mulheres brancas e negras. Uma vez que muitas mulheres brancas pensam que as mulheres negras não têm consciência feminista, o termo “feminista negra” destaca as contradições subjacentes à branquidão presumida do feminismo e serve para lembrar às mulheres brancas que elas não são nem as únicas, nem a norma “feministas” Collins 2018, p 13).

Neste contexto, para examinar a discussão do feminismo negro no Brasil, especialmente nos Estudos de Tradução, torna-se necessário realizar uma análise diacrônica do feminismo negro. Ao investigarmos a evolução das pesquisas sobre o feminismo negro no âmbito da tradução no Brasil, observamos, ao analisar a obra de Heidi Safia Mirza, um significativo atraso nas discussões raciais no cenário acadêmico brasileiro. Ao contextualizarmos as análises propostas por estudiosas, destacamos obras de Norma Hamilton (2018), Doutora em Literatura e Práticas Sociais, professora na Universidade de Brasília, e Luciene do Rêgo (2018). Notamos uma escassez de profissionais engajados em pesquisar e abordar essa temática.

A interpretação da diáspora negra como um ponto de interesse na tradução possibilita uma análise crítica da forma como as experiências das mulheres negras são transpostas para diferentes contextos, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada de como o feminismo negro é representado e recebido no Brasil.

Na perspectiva da diáspora negra no âmbito da tradução, evidencia-se que a transmissão de textos do feminismo negro, como os envolvidos pela professora Mirza, enfrenta desafios específicos que transcendem a mera conversão linguística. Mirza, em seu ensaio, destaca um grupo consolidado de feministas negras engajadas que enfrentaram os desafios acadêmicos e as suas questões desde os anos 70.

Estabelecemos agora uma pequena, mas importante comunidade de mulheres acadêmicas de cor na Grã-Bretanha. Há também uma nova geração promissora de jovens mulheres negras e etnicizadas desafiando as tradições da academia, mas mesmo assim ainda somos tão poucas, uma espécie ameaçada de extinção!(Mirza, 2014. p 6, Tradução minha)<sup>1</sup>.

No entanto, no Brasil, quatro anos depois da publicação do texto de Mirza, Luciene do Rêgo (2018) ainda reflete sobre a ausência de mulheres de cor envolvidas na pesquisa sobre o feminismo negro e tradução desses textos para a língua portuguesa. Ela aponta as dificuldades em encontrar materiais que contribuam para embasar o pensamento feminista negro, destacando a necessidade de ampliar a presença e atuação nesse âmbito.

O ingresso no ensino superior ainda representa um marco significativo na vida das mulheres negras, brasileiras, mas também traz consigo uma série de desafios. Essas mulheres muitas vezes enfrentam discriminação racial e de gênero, que podem se manifestar de diversas formas, desde estereótipos até preconceitos sutis e explícitos. Além disso, questões financeiras podem se tornar obstáculos intransponíveis, já que muitas famílias negras enfrentam desigualdades econômicas estruturais. Por este motivo a interseccionalidade acaba se fundindo com o feminismo negro, quando se fala dos desafios que mulheres de cor passam ao ingressar no ensino superior, ele evidencia e dá voz as diversas realidades sociais que as mulheres negras estão alocadas e narra as múltiplas histórias que as cercam.

A análise crítica e diacrônica da evolução da narrativa de mulheres negras que publicam no Brasil emerge como um exercício intelectual complexo e profundamente enriquecedor. Ao abordar esse tema, torna-se imperativo considerar a interseccionalidade entre gênero, raça e classe social, estabelecendo conexões com as diversas realidades sociais vivenciadas pelo autor do texto de chegada em relação ao contexto brasileiro. Esses elementos não apenas moldam, mas também influenciam as experiências das mulheres negras, delineando as nuances e complexidades presentes em suas narrativas. A compreensão minuciosa da evolução dessas narrativas ao longo do tempo revela-se como uma ferramenta essencial para contextualizar de maneira profunda e abrangente o papel das mulheres negras na tapeçaria da literatura brasileira.

Para aprofundar a compreensão das complexidades abordadas nesta análise diacrônica, é relevante explorar o conceito de "patronagem" proposto por Lefevere (1992). Este conceito lança luz sobre as dificuldades sociais intrínsecas à publicação e divulgação de

---

<sup>1</sup> We have now established a small but important community of women scholars of color in Britain. There is also a new generation of hopeful young black and ethnicized women challenging the traditions of the academy—but even then we are still so few in number, an endangered species! (Mirza, 2014, p 6)

materiais relacionados às pautas defendidas pelo movimento feminista. A patronagem refere-se ao papel desempenhado pelos patronos, que são poderes específicos e instituições literárias, nas áreas de acessibilidade, inclusão, tradução e adaptação de obras literárias. No âmbito da tradução, as relações de poder da patronagem assumem uma função crucial ao influenciar a recepção de uma obra estrangeira, afetando a seleção de tradutores, as decisões editoriais e, conseqüentemente, como a obra é apresentada ao público-alvo.

Por outro lado, as relações de poder não permitem o surgimento de políticas de tradução que possibilitem às brasileiras o acesso aos textos literários produzidos pelas escritoras negras caribenhas, sul-americanas e até mesmo estadunidenses. (do Rêgo, 2018, p 56)

Aplicando esse conceito ao campo de tradução de textos de mulheres negras no Brasil, percebemos que a patronagem pode desempenhar um papel crucial na seleção e promoção de autoras negras. A falta de diversidade entre os tradutores e a ausência de mulheres negras no âmbito acadêmico da tradução podem resultar em lacunas na representação e interpretação das obras, atrapalhando na evolução do feminismo negro no Brasil. Isso pode afetar diretamente a maneira como as narrativas das mulheres negras são traduzidas e direcionadas, contribuindo para estereótipos e distorções.

A carência de tradutoras feministas negras acadêmicas amplia essa problemática. A falta de representatividade no campo da tradução significa que as perspectivas e experiências únicas das mulheres negras não podem ser devidamente capturadas nas traduções. Esta análise foi feita por Luciene do Rêgo em 2018 e continua algo atual dentro dos Estudos de Tradução do feminismo negro. Com a ausência dessas vozes na academia também limita a capacidade de análise crítica e teórica das obras, perpetuando um ciclo de sub-representação. A ausência de representatividade tem implicações significativas na produção de traduções com fundamentação contemporânea. A falta de diversidade e inclusão na representação de diferentes vozes e perspectivas pode resultar em traduções que não captam adequadamente a riqueza e a complexidade dos textos originais.

Quando há uma lacuna na representatividade, as traduções podem se tornarem limitadas em termos de perspectivas culturais, sociais e de gênero. Isso pode comprometer a fidelidade à obra original, e contribui para a perpetuação de desigualdades e estereótipos no campo da tradução. Portanto, a busca por uma representatividade mais ampla e inclusiva é crucial para assegurar traduções que reflitam com precisão a diversidade do cenário literário e cultural.

Sem uma compreensão profunda das nuances culturais, históricas e sociais das experiências das mulheres negras no Brasil, os tradutores podem inadvertidamente reproduzir estereótipos ou distorcer os interesses escritos nas obras originais das autoras. O que pode gerar um atraso social referente as pautas do feminismo negro. Uma vez que, falantes de língua portuguesa não terão acesso a essas evoluções no pensamento e não poderão ampliar seus conhecimentos e suas pautas de luta e defesa. Além disso, a falta de perspectivas feministas negras na academia de tradução pode resultar em uma análise crítica menos sensível e inclusiva. Assim como explorada por Luciene do Rêgo em sua tese de mestrado.

Devido à carência de tradutoras feministas negras acadêmicas discutindo sobre a temática até o momento, em 2018, minha fortuna crítica é ainda bastante limitada. (Rêgo, 2018, p 56)

Para enfrentar esses desafios, é imperativo contribuir para a diversidade no campo da tradução, fomentando ativamente a capacitação de tradutoras feministas negras. Juntamente com isso, a conscientização sobre a relevância da representatividade nas decisões editoriais e na escolha de tradutores torna-se crucial para garantir que as narrativas das mulheres negras sejam fielmente transmitidas ao público brasileiro. De forma similar, Hamilton (2018), aborda a dificuldade de encontrar trabalhos que mencionem a intersecção do feminismo negro e da tradução feminista, assim como Luciene do Rêgo ilustra em sua dissertação citando Hamilton<sup>2</sup>, 2018:

“Não é difícil entender que, pelo fato dos homens formarem historicamente a classe dominante, sua perspectiva foi privilegiada em relação à das mulheres. Da mesma forma, nas sociedades ocidentais eurocêntricas patriarcais, as perspectivas dos brancos têm sido historicamente privilegiadas em relação às dos negros. Então, se tornar visível o trabalho teórico e literário das mulheres brancas tem sido uma tarefa difícil, tornar visível a contribuição das mulheres negras tem sido ainda mais árduo e desafiador. A existência de relações de poder dentro do sistema literário, que mantém o interesse de grupos específicos, explica a pouca atenção dada às obras literárias de escritoras negras do Caribe no contexto brasileiro.” (HAMILTON, 2018, p. 48)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Apesar de ter havido um diálogo profundo entre o Feminismo geral e os Estudos da Tradução, até agora pouco tem sido feito a fim de se estabelecer uma ponte entre o Feminismo Negro e a Tradução como disciplina. Grande parte da contribuição significativa das feministas negras para o Feminismo convencional não contempla as teorias feministas da tradução. As teorias feministas rejeitam os conceitos binários de masculino/feminino e escrita/tradução, porém não levam em consideração a oposição binária entre mulheres brancas e negras, construídas por meio da ideologia patriarcal das sociedades racistas – como destacado pelas feministas acadêmicas. (HAMILTON, 2018, p. 50 tradução feita por Luciene do Rêgo)

<sup>3</sup> “It is not difficult to understand that, because men historically formed the ruling class, their perspective was given privilege over that of women. Similarly, in patriarchal Eurocentric Western societies, the perspectives of Whites have been historically given privilege over that of Blacks. Then, if making White women’s theoretical

Esta abordagem mais inclusiva não apenas enriquece a literatura traduzida, mas também desempenha um papel fundamental na promoção de uma compreensão mais profunda e autêntica das experiências das mulheres negras no Brasil. Ao investir na diversidade de vozes por meio da tradução, não apenas estamos aprimorando a qualidade das obras disponíveis, mas também construindo pontes significativas para uma apreciação mais abrangente e justa das complexidades que permeiam as narrativas femininas negras no contexto brasileiro.

No cenário brasileiro, divergindo da realidade da autora do texto-fonte, a comunidade de mulheres negras envolvidas no feminismo negro continua em processo de construção. Enquanto a perspectiva da autora, o grupo pode ser considerado pequeno, mas, aqui no Brasil, esse coletivo está em fase de formação e consolidação. A diferença de contexto revela que, embora haja um reconhecimento da importância do movimento, a presença ativa e consolidada de mulheres negras abordando o feminismo negro está em projetos iniciais, exigindo esforços contínuos para fortalecer e expandir essa comunidade no país.

Ao adotarmos uma abordagem diacrônica na tradução da obra de Heidi Safia Mirza, entrelaçamos análises relacionadas ao feminismo negro, refletindo de maneira pragmática sobre as nuances nas concepções raciais entre o texto-fonte (TF) e o texto-alvo (TA). Esse exercício revela a evolução do feminismo negro no contexto brasileiro. Nesse sentido, a tradução se manifesta como um reflexo, elucidando as discrepâncias culturais subjacentes.

A ausência de léxicos do feminismo negro traduzidos para o português constitui não apenas uma lacuna linguística, mas também um desafio significativo para a tradução de textos com esta temática. Palavras como: "**Black and ethnicized women**", "**Black lady overachiever**" ou "**welfare mother**"<sup>4</sup> trouxeram problemas significativos na tradução. Essa carência de vocabulário específico na língua portuguesa pode resultar em dificuldades na transmissão fiel e impactante das nuances contidas em obras originais, comprometendo a riqueza e a autenticidade das mensagens.

A tradução efetiva desses léxicos é fundamental para garantir que as vozes do feminismo negro sejam ouvidas e compreendidas em toda a sua complexidade e poder.

---

and literary work visible has been a difficult task, making Black women's contribution visible has been even more arduous and challenging. The existence of power relations within the literary system, which maintains the interest of specific groups, accounts for the little attention given to the literary works of Black Caribbean female writers in the Brazilian context." (HAMILTON, 2018, p.48).

<sup>4</sup> "Welfare mother" ou "Black lady overachiever" é um estereótipo relacionado às mulheres negras. São expressões que se referem a mulheres que precisam de auxílio socioeconômico ou são mulheres superpoderosas (Burgoon, 2012, p 272)"

Elucidar essas ausências ressalta a necessidade urgente de expandir e enriquecer o léxico disponível em português, não apenas para facilitar a tradução, mas também para promover uma compreensão mais profunda e contextualizada das experiências e lutas das mulheres negras. A tradução, nesse contexto, torna-se uma ferramenta essencial não apenas para transpor palavras, mas para construir pontes culturais e promover diálogos enriquecedores sobre o feminismo negro no Brasil.

Em síntese, o feminismo negro representa uma poderosa resistência, centrando-se nas experiências únicas das mulheres negras e desafiando as interseções de raça e gênero. Ao realizar uma análise diacrônica do feminismo negro no Brasil, revelamos uma evolução marcante nas discussões, destacando a importância de vozes como a de Heidi Safia Mirza, cuja obra "Descolonizing Higher Education" desvenda as complexidades do sistema acadêmico brasileiro sob a ótica interseccional.

Nesse contexto, a Tradução de Gênero emerge como uma peça-chave para desbravar as barreiras linguísticas e culturais, assegurando que as narrativas do feminismo negro sejam transmitidas autenticamente, ampliando assim o alcance e a compreensão dessas reflexões essenciais no contexto brasileiro. A importância da tradução de gênero, portanto, não apenas reside na transposição de palavras, mas na construção de pontes que conectam, informam e enriquecem os diálogos sobre a experiência das mulheres negras, desempenhando um papel vital na construção de um entendimento mais inclusivo e consciente no panorama brasileiro.

Em resumo, o feminismo negro surge como uma força transformadora, evidenciada na análise diacrônica do Brasil, especialmente através da obra de Heidi Safia Mirza. Sua visão sobre a descolonização do ensino superior aponta desafios e oportunidades cruciais. A tradução de gênero, destacada nesse contexto, não apenas transpõe palavras, mas constrói pontes para a compreensão autêntica das narrativas do feminismo negro, enriquecendo os diálogos e impulsionando uma sociedade mais justa e inclusiva.

### **1.2.2 A Tradução como ato político e a tradução de ensaios**

A tradução é um ato criativo e transformador, que contém em seu ato uma postura com posições de elementos políticos e socioculturais. O tradutor, ao interpretar e transportar um texto para uma nova cultura, não lida apenas com questões linguísticas, mas também expressa suas opiniões, ideais políticos e compromissos socioculturais. Esse envolvimento é

especialmente notável na tradução de ensaios, um gênero literário que destaca a importância das escolhas do tradutor na preservação e transmissão das nuances políticas e sociais contidas na obra original.

O feminismo interseccional, conforme descrito por Luciene do Rêgo da Silva<sup>5</sup> (2018), intitula as mulheres como um grupo diverso com demandas específicas, abordando as diferenças de classes socioeconômicas, raças, etnicidades, orientação sexual e deficiência. Essa perspectiva influencia significativamente os Estudos da Tradução, destacando a importância de discutir a descolonização do ensino superior e os estigmas relacionados à mulher negra no âmbito da tradução.

Eu argumento que mulheres Negras são algumas vezes excluídas da teoria feminista e do discurso político antirracista porque ambos são predicados de um cenário discreto de experiências que frequentemente não refletem precisamente a interação entre raça e gênero. Esses problemas de exclusão não podem ser resolvidos simplesmente com a inclusão das mulheres negras em uma estrutura analítica pré-estabelecida. Porque a experiência interseccional é muito maior que a soma do racismo e do sexismo e qualquer análise que não leva em conta a interseccionalidade não é suficiente para abordar um comportamento/maneira/modo/forma particular ao qual as mulheres negras estão subordinadas. (CRENSHAW, 1989, p. 140, tradução minha).

Com base na reflexão sobre o feminismo negro e interseccional, torna-se evidente o impacto significativo dessas correntes pós-modernas referentes ao feminismo negro nos Estudos da Tradução. A descolonização do ensino superior e os estigmas associados às mulheres negras emergem como temas cruciais a serem considerados no campo da tradução. Nesse contexto, a escolha do tradutor em abordar essas questões destaca a tradução como um espaço político e analítico que contribui para os diálogos contemporâneos. Nas universidades, os corpos negros, especialmente as mulheres, permanecem como uma minoria, ampliando a relevância da discussão sobre a sexualização como uma forma velada de racismo no ambiente acadêmico. A autora do texto original explora a vivência da incorporação e como essas realidades são experimentadas.

Para as mulheres pós-coloniais de cor, é impossível escapar do corpo e de suas construções e reconstruções enquanto negociamos diariamente nossas situações

---

<sup>5</sup> Leitura recomendada sobre feminismo negro, e feminismo interseccional, tradução de Luciene do Rêgo da Silava, orientada pela Dra. Alessandra R.O. Harden disponível no site <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34820>.

sociais incorporadas<sup>6</sup> (Mirza, 2014, p. 2. Tradução minha)

Desse modo, quando se comenta a tradução de textos feministas, queremos dizer que nela consiste uma postura ideológica, que, muitas vezes, leva a tradutora a escolher para quem, por quem e quais textos traduzir. E a resposta está ligada ao interesse da tradutora de contribuir com as discussões políticas e ideológicas, da causa social do feminismo negro, que busca ampliar as vozes femininas na luta para descolonizar o ensino superior, também defendida por Mona Baker:

As histórias que contamos e recontamos, incluindo aquelas recontadas por meio de traduções, constituem um local onde exercitamos nossa atividade e, nesse sentido, elas são, em última análise, uma ferramenta para mudar o mundo. Elas nos permitem elaborar nossa identidade individual e coletiva e negociar as condições da história em que nos encontramos, seja como leigos, profissionais em um determinado domínio ou ativistas que exploram de forma consciente suas habilidades profissionais para efetuar uma mudança em âmbito local ou global (Baker, 2018, p.340, trad. Roscoe-Bessa et al).

Nesse sentido, Baker propõe uma visão de que a tradução atua como agente de transformação social, especialmente por meio da seleção e narrativa de histórias escolhidas para discussão. Partindo dessa abordagem, buscamos dar visibilidade às temáticas escolhidas no presente trabalho. A intenção é ampliar a possibilidade de conscientização e promover uma transformação social significativa. Após a leitura e análise desses textos, os leitores têm a oportunidade de debater e mudar em seus próprios ambientes. Essa dinâmica contribui para trazer mais visibilidade aos temas estratégicos, elevando a discussão para esferas acadêmicas e incentivando a reflexão crítica e a ação transformadora que as pautas sociais promovem.

Ao longo deste trabalho, torna-se evidente que a tradução não é apenas uma atividade linguística, mas um ato intrinsecamente político. À medida que exploramos a tradução no contexto do feminismo negro, destacamos termos específicos do léxico que ganham importância singular. Palavras como “**Suffragette Movement**”, “**Herstory**”, “**whiteness**” e “**Womanist**”, não são meras traduções de palavras, mas veículos que transportam consigo as lutas, resistências e experiências específicas do feminismo negro.

Encontraremos as explicações sobre os termos citados acima nos seguintes parágrafos". O **Movimento Sufragista**, conforme explicado por Rêgo (2018) em sua tese, teve seu marco inicial na Convenção de Seneca Falls, em 1848 e se refere à luta das mulheres por igualdade. **Herstory**, referente à história das mulheres, é um movimento dentro do

---

<sup>6</sup> For postcolonial women of color it is impossible to escape the body and its constructions and reconstructions as we negotiate daily our embodied social situations.

feminismo negro que busca recontar a história, incluindo as mulheres de cor que desempenharam papéis importantes na sociedade. Em contrapartida, o termo "**whiteness**", traduzido como "**branquitude**", foi selecionado devido à sua definição abrangente, conforme citado por Schucman (2022). Ela explica que "**branquitude**" envolve o estudo da identidade e dos privilégios associados à condição racial branca. Essa abordagem desloca o foco tradicional dos estudos sobre desigualdade racial do negro para o branco, elucidando uma série de comportamentos sociais ligados ao termo, inclusive a supremacia branca. A escolha desse termo foi feita com o intuito de manter a intenção original da autora do TF, que durante sua narrativa cita privilégios e comportamentos de pessoas brancas baseado no termo "**whiteness**".

Partindo do pressuposto que a categoria “raça” é necessariamente relacional, os estudos da branquitude passam também a estudar e colocar o branco em questão, retirando, assim, o negro do foco problemático no qual recaem os estudos sobre as desigualdades de raça.<sup>7</sup>

O termo "**mulherista**", que se refere ao movimento na luta pelos direitos das mulheres, não é apenas uma expressão isolada, mas sim uma teoria social intrinsecamente ligada à intersecção do racismo e das violências de gênero, concentrando-se especialmente nas experiências das mulheres negras. A abordagem mais aprofundada dessa teoria de Patricia Hill Collins <sup>8</sup>(2017), destaca as complexas interconexões entre raça, gênero e poder. Quando nos deparamos com a tarefa de traduzir esses termos, é crucial considerar que não se trata apenas de encontrar equivalentes linguísticos, mas de transmitir as nuances políticas que permeiam as definições no texto-fonte (TF). A tradução, portanto, não é apenas um ato de conversão linguística, mas também uma prática política que envolve a transmissão fiel não apenas das palavras, mas dos ideais políticos do autor do texto original.

Na tradução do ensaio, por sua vez, destaca-se a importância de preservar a essência da autora, viabilizando a comunicação impactante e culturalmente relevante das críticas sociais e reflexões sobre a descolonização do ensino superior e o feminismo negro para diversos públicos. A liberdade associada ao gênero literário do ensaio se manifesta na abordagem de Mirza em relação às questões sociais, proporcionando uma exploração

---

<sup>7</sup> Recomenda-se a leitura do artigo "O Branco e a Branquitude: Letramento Racial e Formas de Desconstrução do Racismo". O conteúdo indicado está disponível através do link fornecido:  
[https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/article/view/PLCS34\\_35\\_Schucman\\_page171/1333](https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/article/view/PLCS34_35_Schucman_page171/1333)

<sup>8</sup> Recomenda-se a leitura do artigo "What 's in a Name? Womanism, Black Feminism, and Beyond" por Patricia Hill Collins. O conteúdo indicado está disponível através do link fornecido:  
<https://www.scielo.br/j/cpa/a/P3Hpz4XQsPqSgJLm9KH6tC/?lang=pt>

profunda e pessoal. Ao mesmo tempo, essa abordagem mantém uma análise crítica e rigorosa, permitindo uma tradução que preserva não apenas o conteúdo, mas também a expressividade única do texto original.

(...) O ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não ao aplinar a realidade fraturada. A harmonia uníssona da ordem lógica dissimula a essência antagônica daquilo sobre o que se impõe. A descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito em suspenso. (pág. 39)

Na citação anterior, "O ensaio pensa em fragmentos..." pode-se refletir a abordagem de Heidi Safia Mirza em sua obra. A autora examina questões raciais, buscando equidade para mulheres de cor, enquanto analisa inicialmente em seu ensaio a evolução histórica do feminismo negro, criticando as estruturas opressivas no ensino superior. A ênfase na vivência dessas mulheres, cujas vozes foram historicamente silenciadas, representa a busca por liberdade e criatividade na escrita de Mirza (2014). Uma vez que, assim como cita a autora, mulheres negras têm suas vozes fragmentadas.

A erudição feminista, argumenta ela, produz inadvertidamente mulheres ocidentais como os únicos sujeitos legítimos de luta, enquanto as mulheres do "Terceiro Mundo" são ouvidas apenas como vozes fragmentadas e inarticuladas dentro e fora da escuridão<sup>9</sup>. (Mirza, 2014, p. 4, tradução minha).

Na tradução do texto, a importância recai na preservação da voz da autora, permitindo que as críticas sociais e as reflexões sobre descolonização do ensino superior e feminismo negro sejam transmitidas de maneira eficaz e culturalmente relevantes para a cultura do texto-alvo (TA). A liberdade do ensaio como gênero literário proporciona um espaço para a discussão, assim como Mirza escreve, permitindo uma exploração profunda e pessoal, que mantém uma análise crítica e rigorosa.

A interseção entre a tradução política e a tradução de ensaios revela-se como um campo vibrante e complexo, onde a escolha e a interpretação do tradutor se tornam atos políticos em si. A tradução política, ao refletir sobre as opiniões e ideais do tradutor, desempenha um papel fundamental na transmissão de mensagens sociais e políticas. Quando aplicado à tradução de ensaios, gênero literário reflexivo por natureza, essa dimensão política se intensifica. Aqui, o tradutor não lida apenas com nuances linguísticas, mas também atua como um mediador de ideias críticas, preservando a postura política da obra original. A tradução de ensaios, assim, emerge como uma prática que não se limita apenas a transpor

<sup>9</sup> Feminist scholarship, she argues, inadvertently produces Western women as the only legitimate subjects of struggle, while "Third World" women are only heard as fragmented, inarticulate voices in and from the darkness.

palavras, mas perpetua a essência política, contribuindo para a difusão de reflexões profundas sobre questões sociais, políticas e culturais em diferentes contextos.

Em síntese, a tradução da obra de dra. Mirza supera as críticas sociais, ampliando e enriquecendo a diversidade de perspectivas apresentadas. Ao preservar a essência das ideias originais, a tradução transcende as fronteiras linguísticas e culturais, alcançando um público mais amplo.

Dessa forma, ela promove um diálogo mais abrangente e enriquecedor no Brasil sobre questões cruciais relacionadas ao feminismo negro e à descolonização do ensino superior. A tradução, nesse contexto, se consolida como um ato político que contribui significativamente para a disseminação e compreensão dessas reflexões importantes<sup>10</sup>.

### **1.2.3 Tradução feminista e a evolução diacrônica do feminismo negro**

A tradução é uma atividade complexa que vai além da simples transposição de palavras de um idioma para outro. Ela é permeada por questões culturais, ideológicas e, notadamente, de gênero. Neste contexto, a seguir analisaremos, sobre a Tradução Feminista ou de Gênero no Brasil. Esta análise, lança luz sobre os desafios enfrentados pelas tradutoras feministas brasileiras. A seguir, exploraremos as reflexões referentes ao tema, discutindo o significado da tradução feminista e os obstáculos que as pessoas envolvidas nessa prática enfrentam.

A Tradução Feminista ou de Gênero, como prática reflexiva, fundamenta-se em uma análise profunda dos papéis de gênero presentes tanto no texto-fonte (TF) quanto no texto-alvo (TA). Uma das complexidades enfrentadas nessa prática é a compreensão da importância da marcação de gênero gramatical que nem sempre se alinha diretamente com o gênero social ou biológico, particularmente quando se trata de línguas que não possuem marcação de gênero tão explícita quanto ao português.

No caso específico da tradução do inglês para o português, a língua inglesa não utiliza a marcação de gênero presente no português. Essa ausência de distinção gramatical, que caracteriza o inglês, abre espaço para uma análise mais sensível às questões de gênero no contexto da tradução feminista. Uma tradutora feminista se vê desafiada a não apenas em

---

<sup>10</sup> Recomenda-se a leitura do trabalho de conclusão de curso elaborado por Arianne Mesquita Rodrigues, intitulado "Um Ensaio de Bell Hooks: Uma Proposta de Tradução Comentada". O material referido encontra-se acessível por meio do link disponibilizado: <https://bdm.unb.br/handle/10483/24721>

converter palavras, mas considera cuidadosamente como as nuances e as representações de papéis de gêneros são transmitidas na língua de chegada. Assim como cita Ana Maria Schäffer:

Na escrita/tradução feminina existe algo diferenciado, que não diria serem marcas essenciais, mas uma certa sensibilidade que de alguma forma aflora no texto. Não necessariamente com marcas, mas o fato é que a questão da mulher aflora de forma diferente. (Schäffer, ano, p102)

A reflexão sobre a marcação de gênero no português, na tradução, por sua vez, evidencia uma camada adicional de complexidade. O desafio reside não apenas em encontrar equivalentes gramaticais, mas também em questionar e entender os estereótipos de gênero, avaliar os movimentos políticos e sociais que a tradutora identifica e refletir sobre o contexto social que os possíveis leitores do texto de chegada irão compreender do texto. Essas reflexões socioculturais também podem estar presentes no texto-fonte. A tradução feminista, ao considerar as implicações sociais e culturais do gênero, busca criar um texto-alvo que não apenas reproduza palavras, mas que também transponha as complexidades das relações de gênero de maneira fiel à intenção proposta pelo autor do texto fonte.

A análise crítica dessas nuances gênero-linguísticas na tradução feminista, conforme exemplificado em textos como da Silva(2021), que cita Toury(1995, p12), para falar sobre as estratégias de tradução, e ressaltar a importância de uma abordagem cuidadosa e reflexiva na representação das questões de gênero em diferentes contextos linguísticos e culturais.

"As traduções sempre surgem em determinado contexto cultural e se destinam a atender a certas necessidades desse sistema e/ou preencher certos nichos nele existentes" (Toury 1995, p 12)

A análise crítica dessas nuances de gênero linguístico, exemplificada nos textos de Luciana da Silva (2021), enfatiza a necessidade de uma abordagem reflexiva e cuidadosa na representação das questões de gênero em diferentes contextos linguísticos e culturais. Essa prática, ancorada na tradução feminista, não apenas amplia a compreensão das dinâmicas do gênero, mas também promove uma representação mais autêntica e inclusiva nas diversas expressões linguísticas e culturais.

Em resumo, a prática da tradução feminista se destaca por uma análise profunda dos papéis de gênero presentes nos textos-fonte e nos textos-alvo, apoiando a complexidade existente em ambos os textos, à relação entre gênero gramatical e gênero social. No contexto da tradução do inglês para o português, a ausência de marcação de gênero no inglês proporciona à tradutora feminista ou de gênero uma oportunidade única de abordar de maneira sensível às questões de gênero, indo além da simples transposição de palavras.

A investigação das teses de Luciene do Rêgo (2018) e Luciana da Silva (2021) oferece uma visão abrangente das transformações nas discussões sobre o feminismo negro no contexto brasileiro. Essa análise é crucial para orientar a realização de uma tradução que seja equivalente à abordagem atualizada do tema em questão, sobretudo quando se lida com um texto mais recente, como o da Dra. Mirza, datado de 2014.

Ambas as pesquisadoras foram mencionadas para a desconstrução de estereótipos e para a ampliação das vozes das mulheres negras. Luciene do Rêgo, em sua tese sobre a (re)tradução feminista negra de Harriet Ann Jacobs, destaca a importância de reinterpretar narrativas historicamente marginalizadas. Essa abordagem ressoa com a necessidade contemporânea de dar voz às experiências e perspectivas das mulheres negras, superando as visões históricas e culturais que limitam muitas vezes suas representações.

A autora, em sua pesquisa, posiciona-se como uma facilitadora e ampliadora das vozes das mulheres negras, buscando preencher lacunas e enriquecer a discussão em torno do feminismo negro. Sua abordagem se destaca como um esforço ativo para suprir a carência de contribuições significativas no campo da tradução feminista, especificamente voltadas para a experiência das mulheres negras. Ao assumir essa posição, o autor não destaca apenas a importância da tradução como instrumento de resistência, mas também evidencia a necessidade urgente de mais vozes e perspectivas dedicadas a essa área de estudo. Isso, por sua vez, reforça a relevância de seu trabalho na ampliação do diálogo sobre o feminismo negro e na promoção de uma representação mais autêntica e inclusiva das narrativas das mulheres negras.

Tal reconhecimento das diversas relações de poder envolvidas no processo tradutório reflete uma articulação entre a abordagem descritivista dos Estudos da Tradução e outros campos do conhecimento como os Estudos Culturais e os Estudos Pós-Coloniais, a qual será relevante para a análise do contexto de tradução de *Women, Race & Class no Brasil*. (da Silva, 2021, p 211)

Luciana da Silva, ao discutir a diáspora negra em contexto de tradução, reforça a importância de trazer para o Brasil textos que abordem interseccionalidade, gênero, raça e classe social. Essa ênfase na contextualização e adaptação é crucial para uma tradução que visa comunicar as diretrizes atuais do feminismo negro no Brasil. Sua análise destaca a complexidade das identidades das mulheres negras e a necessidade de traduções que respeitem essa diversidade.

Para oferecer uma tradução que esteja alinhada às publicações atuais do feminismo negro no Brasil no contexto do texto da dra. Mirza, é essencial que uma tradutora adote uma

abordagem que harmonize a sensibilidade histórica e cultural evidenciada por Luciene do Rêgo com a ênfase na contextualização e representação destacada por Luciana da Silva. Essas abordagens forneceram uma base teórica fundamental para a compreensão mais aprofundada do sufragismo feminista, um tema explorado no primeiro capítulo do texto. Além disso, auxiliam na melhor compreensão do contexto histórico vivenciado por mulheres de cor em diversas regiões, possibilitando um paralelo entre esse período na Europa e a situação das mulheres de cor no Brasil na mesma época. Essa visão geral de perspectivas enriquece a tradução ao garantir não apenas fidelidade ao texto original, mas também uma abordagem sensível e informada que ressoa com as nuances e complexidades do feminismo negro contemporâneo no Brasil.

A discussão proposta por Luciana de Mesquita Silva destaca a necessidade de contextualizar e adaptar as obras para refletir as realidades e desafios específicos enfrentados pelas mulheres negras no Brasil, impulsionando, assim, a evolução das conversas sobre o feminismo negro.

Para propor uma tradução equivalente à discussão atual do feminismo negro no Brasil com o texto da Dra. Mirza, é imperativo que a tradutora siga uma abordagem que combine a sensibilidade histórica e cultural destacada assim como foi citado no parágrafo anterior. .

A tradução de gênero assume uma função crucial, e um dos aspectos presentes no TF que a tradutora está incumbida de observar é a análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro" entre o claro e o escuro que permeia a obra original e que lançam significados e sensações distintas no leitor.

Este jogo semântico aparece de forma sutil no texto-fonte, mas precisa ser mencionado e analisado durante a tradução. A autoria utiliza palavras como: "**Sutil**", "**perspicaz**", "**pitorescas**", "**exóticas**", e entre outras palavras para se referir a mulheres negras, que mesmo dotadas de "**possíveis elogios**" podem carregar diversas ironias em seus discursos ao longo de sua narrativa, o que convida a tradutora a atentar-se a estas nuances subentendidas na escrita da autora. Entretanto, ao se referir a pessoas brancas, posteriormente, ao fazer menção a Patrícia Hill Collins, após sua "**ingressão como acadêmica**", ela utiliza novamente adjetivos como positivos como: "**atencioso**", "**gentil**", "**animado**", etc.

No contexto da narrativa, a abordagem pode ser agressiva, mas habilmente disfarçada. Executar essa tarefa exige sensibilidade para manter a estrutura linguística e semântica, assegurando que as nuances do texto-fonte sejam preservadas. Essas nuances serão exploradas com mais profundidade no Capítulo 2.

Ao transpor para outro idioma, é imperativo que a tradução preserve não apenas o significado explícito, mas também a atmosfera subjacente da dualidade entre o claro e o escuro, pois é nesse contraste que residem as camadas de significado que enriquecem a obra original. A tradução de gênero, nesse contexto, atua como uma ponte delicada entre dois mundos linguísticos, assegurando que a complexidade da análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro" original seja fielmente mantida, proporcionando ao leitor da tradução uma experiência tão rica e sutil quanto a do texto original.

A tradução deve ser guiada pela compreensão das mudanças dos avanços na divulgação do feminismo negro desde 2014, considerando as vozes emergentes e as questões contemporâneas. Isso implica escolhas linguísticas e estratégias de tradução que capturam a riqueza e a diversidade das experiências das mulheres negras no Brasil, levando em conta os debates mais recentes em torno da interseccionalidade, representatividade e empoderamento feminino.

Ao alinhar a tradução da Dra. Mirza às publicações atuais do feminismo negro no Brasil, a tradutora pode garantir que o texto não apenas ressoe com a relevância contemporânea, mas também contribua para a ampliação e o fortalecimento das vozes das mulheres negras na sociedade brasileira por meio da tradução.

## **CAPÍTULO 2: ANÁLISE DO EXERCÍCIO TRADUTÓRIO**

No Capítulo 2, adentremos um terreno fascinante e desafiador, em que a tradução da obra de Heidi Safia Mirza, "Descolonizando o Ensino Superior: Feminismo Negro e a Interseccionalidade de Raça e Gênero" será discutida. Este capítulo traz uma profunda exploração do processo de tradução do texto, um ato que vai além da simples transposição de palavras e requer uma sensibilidade aguçada para preservar as nuances e complexidades presentes na obra original.

A seguir desvendaremos as decisões cuidadosas que moldam a tradução. Este capítulo é um convite para compreendermos não apenas a transposição de idiomas, mas a verdadeira adaptação de conceitos e ideias, especialmente quando se trata de temas tão intrincados quanto o feminismo negro e a descolonização do ensino superior.

Exploraremos as escolhas linguísticas e estilísticas feitas pela tradutora, buscando entender como a riqueza do texto-fonte é preservada e, por vezes, transformada para manter a autenticidade, o impacto na língua de destino. Este mergulho crítico na tradução não apenas destaca a complexidade dessa arte, mas também revela seu papel crucial na disseminação de pensamentos e na promoção de um diálogo enriquecedor entre diferentes culturas.

Ao longo deste capítulo, pretendemos desvendar os bastidores da tradução de "Descolonizando o Ensino Superior", proporcionando uma compreensão mais profunda das escolhas e desafios enfrentados pela tradutora. Esta análise não apenas enriquecerá nossa apreciação pela complexidade da tradução, mas também lançará luz sobre como essa prática dinâmica e multifacetada contribui para a difusão e compreensão de ideias que transcendem fronteiras culturais e linguísticas.

### **2.1 Análise de Itens lexicais do feminismo negro na tradução**

A tradução de textos que abordam o feminismo negro desempenha um papel crucial na promoção da diversidade de vozes e na divulgação de perspectivas essenciais para a compreensão das experiências das mulheres negras. Ao trazer esses textos para novos públicos por meio da tradução, é possível ampliar a conscientização sobre questões específicas enfrentadas por mulheres negras, destacando suas lutas, conquistas e contribuições para o movimento feminista negro.

A relevância da tradução nesse contexto reside na quebra de barreiras linguísticas que, muitas vezes, limita o acesso a informações e ideias fundamentais. A diversidade linguística é uma característica intrínseca da sociedade, e a tradução desempenha um papel crucial na

construção de pontes entre culturas e na promoção do entendimento mútuo. Dessa forma, traduzir textos sobre feminismo negro não apenas democratiza o acesso ao conhecimento, mas também fomenta um diálogo mais inclusivo e abrangente sobre questões de gênero. A seguir veremos como a tradução de alguns termos do TF foram abordados na língua portuguesa:

#### Quadro 1-Black and ethnicized women

Nº	TEXTO — ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
32	<b>Black and ethnicized women</b> , of different ages, with various caring responsibilities, coming from particular cultures, religions, nation-states, with or without citizenship and human rights, live in the dominant modalities of race, class and gender (Brah 1996; Brah and Phoenix 2004).	<b>Mulheres negras e etnicizadas</b> , de diferentes idades, com várias responsabilidades de cuidado, provenientes de culturas, religiões, Estados-nação, com ou sem cidadania e direitos humanos, vivem nas modalidades dominantes de raça, classe e gênero (Brah 1996; Brah e Phoenix 2004).

No Quadro 1, relacionado ao termo "**Mulheres negras e etnicizadas**", não foi possível encontrar traduções equivalentes nos textos relacionados ao feminismo negro já disponíveis em língua portuguesa. Embora a autora tenha sugerido em suas notas, que essa expressão pode ser alternada por "**mulheres de cor**", acredita-se que essas substituições não abrangeram todas as etnias mencionadas pela autora. Assim, optou-se por criar o termo que melhor se adequasse ao contexto. Como poderemos ver no quadro a seguir:

#### Quadro 2- Black and ethnicized women com Cornelia Sorabji

Nº	TEXTO — ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
161	From the diaries of Cornelia Sorabji (Visram 2002) and the eloquent lectures of Patricia Williams (Williams 1997) we can begin to open up and understand the complex, multidimensional	A partir dos diários de Cornelia Sorabji (Visram 2002) e das palestras eloquentes de Patricia Williams (Williams 1997) podemos começar a abrir e compreender o mundo complexo

	embodied world <b>black and ethnicized women</b> inhabit on the margins of white institutions.	e multidimensional que as <b>mulheres negras e etnicizadas</b> habitam às margens das instituições brancas.
--	--	---

No Quadro 2, a autora aborda as reflexões de Cornelia Sorajib e Patricia Hill Collins sobre as posições das mulheres de cor na sociedade. Ela as descreve como mulheres que expressam suas distintas origens étnicas em um ambiente predominantemente composto por pessoas brancas. Nas notas finais, a autora explora a possibilidade de substituir o termo original por "mulheres de cor". No entanto, devido às referências recorrentes a mulheres indianas, iranianas e indo-caribenhas ao longo do texto, ela opta por traduzir o termo como "**mulheres negras e etnicizadas**". Este exemplo evidencia como a expressão "**mulheres de cor**" não abrange completamente a diversidade étnica citada pela autora, destacando a complexidade da tradução neste contexto específico.

Entretanto, no caso dos termos "**Black lady overachiever**" ou "**welfare mother**" que serão analisados a seguir, a dinâmica utilizada na tradução foi diferente.

### Quadro 3-Black lady Overachiever ou welfare mother

Nº	TEXTO — ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
97	Anita Hill did not fit any of the stereotypes of "the black woman" (i.e., she was not an " <b>overachiever</b> " or a " <b>welfare mother</b> "), thus she could not be easily understood and received no sympathy in the African American and White public mind.	Anita Hill não se encaixava em nenhum dos estereótipos da "mulher negra" (ou seja, ela não era " <b>Black lady overachiever</b> " ou uma " <b>welfare mother</b> "), portanto, ela não podia ser facilmente compreendida e não recebeu nenhuma simpatia na mente pública afro-americana e branca.

No Quadro 3, os termos "**overachiever**" ou "**welfare mother**" estão associados a um estereótipo relacionado às mulheres negras. Não foi identificado um equivalente na língua portuguesa para essas expressões, e, portanto, elas foram traduzidas como "**Black lady overachiever**" ou uma "**welfare mother**", acrescentando o **Black lady**, como a referência do dicionário de Michael Burgoon, Communication Yearbook (2012) definia e fazendo assim a tradução mais equivalente possível com o TA. É crucial ressaltar que, ao contrário do estereótipo, esses termos no contexto do texto-fonte estão vinculados a uma ação judicial de assédio iniciada por uma professora negra e são explicitamente mencionadas no texto. Nesse

sentido, traduzir esses termos de forma isolada no contexto da ação judicial seria inadequada e descontextualizada para a língua portuguesa.

Durante o processo de revisão do termo acima, e as alternativas para a tradução "mãe que precisa de ajuda" ou "supermulher" não faziam sentido com a proposta original do texto em sua tradução, principalmente considerando que a intenção da tradução não era estimular estereótipos associados às mulheres negras. Nesse sentido, a definição de (Burgoon, 2012, p. 272) foi citada no Quadro 3 elucidando o termo citado, e justifica a estrutura que os termos ocupam no texto alvo.

Em síntese, a tradução de termos do feminismo negro para a língua portuguesa desempenha um papel crucial na expansão e na democratização do discurso feminista negro, especialmente ao abordar as abordagens de traduções utilizadas nesse texto. Ao tornar esses termos acessíveis em contextos linguísticos diversos, promovemos a inclusão e o reconhecimento das experiências únicas das mulheres negras. Este esforço de tradução não apenas enriquece o vocabulário disponível para discutir questões de gênero, mas também fortalece a conexão entre os movimentos feministas locais, assim como do Rêgo (2018) sugere em sua tese, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e interconectada das lutas feministas.

A prática de traduzir termos do feminismo negro não é apenas uma questão de linguagem, mas uma estratégia vital para empoderar as vozes subalternas. Essa iniciativa não só aumenta a visibilidade e a representatividade, mas também alimenta o diálogo crítico sobre as desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras. Investir na tradução, portanto, não apenas transcende barreiras linguísticas, mas também fortalece a base do feminismo enquanto movimento global, reafirmando o compromisso com a equidade e a justiça para todas as mulheres, independentemente de sua origem étnica.

## 2.2 Exploração da tradução política e ensaística sob a perspectiva da causalidade

A seguir daremos continuidade à análise de tradução do léxico do feminismo negro, mas com uma abordagem centrada na tradução de ensaio e seu papel como ato político, conforme discutido anteriormente no Capítulo 1. Neste capítulo de discussão, para complementar as análises relacionadas, examinaremos determinados trechos que destacam orações conjuntivas aditivas, complementando a análise da tradução de ensaios apresentada no capítulo inicial. Inicialmente, abordaremos o "**movimento sufragista**".

### Quadro 4-Movimento sufragista

Nº	TEXTO — ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
61	Why, in all my years as a feminist living in the West, did I not know this? In the corner of a dark display cabinet on the <b>suffragette movement</b> in the Museum of London, I stumbled upon a small crumpled photograph of the Indian suffragettes at the 1911 Women's Coronation Procession. <sup>3</sup>	Por que, em todos os meus anos como feminista vivendo no Ocidente, eu não sabia disso? No canto de um armário escuro do <b>movimento sufragista</b> no Museum of London, tropecei em uma pequena fotografia amassada das sufragistas indianas na Procissão de Coroação de Mulheres de 1911. <sup>3</sup>

No Quadro 4, a autora faz alusão ao movimento sufragista, caracterizado como um ato político, recorrendo à análise de Rêgo (2018) em sua tese de mestrado, a qual aborda a batalha das mulheres negras durante o período da abolição dos escravos. Entretanto, é notável que, no âmbito deste trecho específico, a autora direciona a atenção para a exclusão deliberada de mulheres indianas nas esferas acadêmicas durante o período do sufragismo feminista. Importante ressaltar que este foi um período em que Cornélia Sorajib também frequentava Oxford.

Ao traduzirmos esse termo, observamos a complexidade das experiências das mulheres de cor no movimento sufragista, ressaltando assim a necessidade de uma análise mais abrangente e inclusiva das contribuições de mulheres de diversas origens étnicas durante esse momento histórico.

### Quadro 5-Herstory

Nº	TEXTO — ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
75	The black woman's critique of history has not only involved us coming to terms with absences: we have also been outraged by the ways in which it has made us visible, when it has chosen to see us... we cannot hope to constitute ourselves in all our ill-conceived presences that invade <b>herstory</b> from history, but we do wish to bear witness to our own <b>herstories</b> . (Carby 1997, 45)	A crítica da mulher negra sobre a história não só envolveu em aceitarmos as ausências: também ficamos indignadas com as formas como ela nos tornou visíveis, quando escolheu nos ver... não podemos esperar nos constituir em todas as nossas presenças mal concebidas que invadem <b>a história das mulheres</b> na história, mas queremos testemunhar <b>nossas próprias histórias "das mulheres"</b> . (Carby 1997, 45)

Assim como dito no Capítulo 1, o "**Herstory**" encontrado no quadro 5, se trata de um movimento dentro do feminismo negro que (re)narra a história incluindo as mulheres de cor. Este termo aparece duas vezes no TF, e exclusivamente neste trecho, mas devido ao seu viés político, ele foi traduzido como "**história das mulheres**" e "**nossas próprias histórias das mulheres**", fazendo a marcação de plural e inclusão de personalidade que a autora incluiu no seu texto.

O trecho analisa a crítica da mulher negra em relação à história, destacando que a crítica não se limita a aceitar ausências, mas também expressa indignação em relação à maneira como a história as torna visíveis. O uso de conectivos como "não só... mas também" e "quando" contribui para estabelecer uma locução conjuntiva aditiva, causando uma sensação de complemento à estrutura utilizada em ensaios, assim, retomamos o capítulo 1 e explicamos mais um pouco sobre a tradução de ensaios de forma lúcida.

#### Quadro 6 -Womanist

Nº	TEXTO — ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
184	The Indian suffragettes and Cornelia Sorabji in late nineteenth century are symbolic of the erasure of an	As sufragistas indianas e Cornelia Sorabji no final do século XIX simbolizam o apagamento de uma

ethnicized black <b>feminist/womanist</b> presence in mainstream (white) educational establishments.	presença <b>feminista/mulherista</b> negra e <b>eticizadas</b> nos principais estabelecimentos(brancos) de ensino.
--	--

O conceito de "**Mulherismo**", identificado no Quadro 6, refere-se a uma teoria social fundamentada na interseção entre o racismo e as violências de gênero, concentrando-se de maneira especial nas vivências das mulheres negras. Essa teoria é minuciosamente explorada por Collins (2017), que proporciona uma análise aprofundada das intrincadas interconexões entre raça, gênero e poder. Apesar de haver equivalentes para os termos em língua portuguesa, os quais foram traduzidos no contexto, o termo "**Mulherismo**" merece destaque por representar um movimento político significativo dentro do âmbito do feminismo negro, mesmo que apareça apenas uma vez no texto. Essa ênfase é crucial, considerando a relevância do termo no panorama mais amplo do movimento e da teoria feminista.

#### Quadro 7- Whiteness

Nº	TEXTO — ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
100	A black women's journey into higher education takes her into the "heart of <b>whiteness</b> " where the homogenous identity, the black woman, is created by "a white gaze which perceives her as a mute visible object" (Casey 1993, 111).	Uma jornada da mulher negra ao ensino superior à leva ao "coração da <b>branquitude</b> " onde a identidade homogênea, a mulher negra, é criada por "um olhar branco que a percebe como um objeto visível mudo" (Casey 1993, 111).

Ao falarmos do termo "**whiteness**" traduzido para "**branquitude**", utilizada no quadro 7, linha 3 retomamos a definição de branquitude, abordada no Capítulo 1 pela Schucman (2022) entendemos sua definição e podemos analisar inicialmente a escolha política utilizada pela autora. A escolha lexical do termo "**branquitude**" feita no texto-alvo reflete uma decisão política ao mesmo tempo que busca destacar e problematizar a questão racial, em especial no contexto de discussões sobre privilégios e hierarquias sociais.

Ao optar por esse termo em vez de simplesmente utilizar "**branco**", há uma intenção consciente de enfatizar não apenas a cor da pele, mas também as implicações sociais,

culturais e políticas associadas ao conceito de "branquitude". Essa escolha sugere uma abordagem crítica que busca desconstruir a normalização do branco como padrão e evidenciar a complexidade das relações raciais. Dessa forma, a escolha lexical de "**branquitude**" não é apenas um ato descritivo, mas uma manifestação política que visa promover uma reflexão mais profunda sobre as estruturas de poder e privilégios associados à branquitude.

#### Quadro 8-Whiteness

Nº	TEXTO — ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
134	With regard to the latter, in some institutions the “sheer weight of <b>whiteness</b> ” is overt and almost impenetrable.	Com relação a esta última, em algumas instituições o "puro peso da <b>branquitude</b> " é evidente e quase impenetrável.

No trecho mencionado, no Quadro 8, retomamos a discussão da tradução de ensaios com **whiteness** para abordar a expressão "puro peso da branquitude", ela estabelece uma relação de causalidade ao sugerir que nas instituições em questão, a presença avassaladora e quase impenetrável da branquitude exerce um impacto significativo. A escolha lexical de "**puro peso**" intensifica a noção de uma carga substancial e opressiva associada à predominância racial branca. A relação causal aqui sugere que essa predominância não apenas existe, mas tem um efeito tangível e dominante nas dinâmicas institucionais.

Essa expressão também reflete uma abordagem causal na escrita de ensaios, pois está apontando para uma causa específica (**a predominância da branquitude**) e seus efeitos (a evidência e impenetrabilidade dessa branquitude nas instituições). Ao abordar a relação causal, o autor destaca a presença da branquitude, também ressaltando como ela se manifesta de maneira impactante e intransigente em determinados ambientes institucionais. Essa análise causal serve como uma ferramenta crítica para desvelar e questionar as implicações políticas e sociais dessa predominância racial.

A relação entre a tradução de itens léxicos do feminismo negro como uma tradução de gênero e política, conforme abordado no capítulo anterior, conecta-se de maneira intrínseca à análise da tradução de ensaios e à relação causal presente nesse tipo literário. A tradução de termos do feminismo negro, considerada como uma tradução de gênero, revela-se como um ato político ao enriquecer o léxico e promover a compreensão das experiências das mulheres

negras. Essa prática, discutida no contexto da tradução de ensaios, amplia não apenas a acessibilidade do conhecimento, mas também fortalece o diálogo crítico sobre as desigualdades enfrentadas por essas mulheres.

Em síntese, a interseção entre a tradução de itens léxicos do feminismo negro, a tradução de gênero como ato político e a análise causal na tradução de ensaios destaca-se como um elo fundamental na promoção da compreensão e reflexão sobre as complexas questões de gênero e raça. A prática de traduzir não apenas transcende barreiras linguísticas, mas também desempenha um papel crucial na desconstrução de narrativas opressivas e na amplificação das vozes subalternas, evidenciando a necessidade de uma abordagem consciente e interseccional na tradução feminista.

### **2.3 Construção estética na tradução.**

No ensaio "Decolonizing Higher Education: Black Feminism and the Intersectionality of Race and Gender", a análise estética emerge como um elemento central, e assim como citado no Capítulo 1, ela pode proporcionar uma lente crítica através da qual se desvelam como complexas intersecções entre raça e gênero. A tradução deste trabalho pretende uma busca para descolonizar o ambiente acadêmico por meio do processo tradutório, destacando a perspectiva única do feminismo negro como um acontecimento fundamental para a transformação.

Na análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro" no texto-fonte, observa-se uma exploração semântica e simbólica que permeia a descrição de negros e brancos. O léxico escolhido para descrever cada grupo não se limita apenas à pigmentação da pele, mas transcendem para um campo mais complexo de conotações. Enquanto os termos associados aos brancos podem carregar conotações positivas, como "gentil" ou "solidário", os atributos atribuídos aos negros podem envolver termos como "perigosas", "estranhas" ou "exóticas". Essa escolha lexical não apenas reflete uma distinção visual, mas também sugere uma carga emocional intrínseca.

Mediante essas interações narrativas, o texto busca ir além do ato da escrita, para também expressar uma dinâmica social subjacente encontrada na narrativa de Mirza. Essas escolhas linguísticas, além de moldarem a percepção do leitor, provocam uma reflexão profunda sobre os preconceitos e estereótipos existentes na sociedade. Ao convidar o leitor a explorar as nuances dessas descrições, o texto incita uma ponderação crítica sobre como as palavras podem influenciar nossa compreensão e percepção das diferenças étnicas, desafiando

assim a norma e promovendo uma consciência mais ampla. Como podemos ver no exemplo a seguir:

**Quadro 9 Análise de conotação semântica por Cornelia Sorajib**

Nº	TEXTO — ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
49	She writes that the male students were so <b>kind</b> , giving up a book if the librarian said she wanted it. This special treatment exasperated her, and she said of her tutor, “I wish he would treat me like a man and not make gallant speeches about my intellect and quickness of perception” (Visram 2002, 95).	Ela escreveu que os estudantes homens eram <b>muito gentis</b> , desistindo de um livro se a bibliotecária dissesse que os queria. Este tratamento especial a exasperava, e ela disse do seu orientador: "Gostaria que ele me tratasse como um homem e não fizesse discursos galantes sobre meu intelecto e agilidade de percepção" (Visram 2002, 95).

A análise da conotação semântica entre as expressões "claro" e "escuro", apresentada no Quadro 10, adota uma abordagem crítica na tradução de termos utilizados para descrever pessoas de diferentes etnias. Este enfoque reflexivo, quando aplicado ao contexto das narrativas de Cornelia Sorabji durante seu período acadêmico, revela nuances significativas nas interações sociais e nas oportunidades concedidas a ela enquanto estudava em Oxford.

No exemplo específico de Cornelia, sua menção aos estudantes homens sendo "muito gentis" inicialmente pode evocar uma conotação positiva associada à luz, porém, a subversão ocorre quando essa gentileza se traduz em um tratamento especial que a exasperava. Ao retomarmos as discussões previamente abordadas no Capítulo 1, referentes ao feminismo e à utilização de nuances, introduzimos uma análise de conotação semântica que transcende o aspecto racial, abrangendo as nuances de gênero e poder destacadas no TF.

**Quadro 10 Análise de conotação semântica por Patricia Hill Collins**

Nº	TEXTO — ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
91	Their “ <b>kind and supportive</b> ” attention was allconsuming, but I received no	A atenção " <b>gentil e solidária</b> " deles era muito grande, mas eu não recebi nenhum

	<p>real support for my academic research and teaching. No other professor in my university had received this exhausting and intense level of scrutiny or expectation over such a short space of time. Finally, I became seriously ill and had to leave (Mirza 2009, 167).</p>	<p>apoio real para minha pesquisa acadêmica e docência. Nenhum outro professor em minha universidade havia recebido este nível exaustivo e intenso de observação ou expectativa em tão curto espaço de tempo. Finalmente, eu fiquei gravemente doente e tive de me afastar (Mirza 2009, 167).</p>
--	---	---

Em seguida, no relato de Patricia Hill Collins, Quadro 10, ela relata sobre a atenção "**gentil e solidária**" que recebe após a formatura. Inicialmente, parece luminosa, mas o contraste se revela na ausência de apoio real para sua pesquisa acadêmica e docência. Essa análise da conotação semântica sugere uma disparidade entre a superfície brilhante das aparências e a escuridão subjacente da falta de suporte substantivo. Nesse contexto, a decodificação de conotações não apenas alude às diferenças raciais, mas também à complexa interseção de identidades e expectativas sociais existentes no mundo acadêmico ao longo dos anos.

Na síntese destes dois contextos, a análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro" se manifesta como um tema transcendentalmente complexo, que vai além das aparências iniciais. Tanto nas experiências de Cornelia Sorabji quanto de Patricia Hill Collins, a dualidade de luz e sombra emerge como um reflexo das nuances complexas nas interações sociais e nas oportunidades acadêmicas. Ambos os relatos destacam que a luminosidade inicial de certas situações pode obscurecer realidades mais profundas, evidenciando as complexidades entrelaçadas de gênero, raça e poder no contexto acadêmico.

Ao aprofundar essas nuances trazidas pela autora, a análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro" foi explorada no contexto dos relatos referente ao ingresso de Cornelia Sorabji e Patricia Hill Collins no mundo acadêmico, destacando as nuances nas interações sociais e nas oportunidades acadêmicas ao longo do tempo. Agora, vamos ampliar essa análise para um olhar mais amplo, mostrando como esta construção estética está conectada à utilização de adjetivos como "gentis" e "solidários", que posteriormente contém um, nuance de significado, assim as palavras são positivas, mas para quem recebe essa atenção mencionada pelo TF, elas têm outro peso e significado.

No texto original, há uma conotação semântica entre "claro" e "escuro" que revela perspectivas significativas das mulheres de cor ao longo da história do feminismo, oferecendo uma narrativa rica que destaca as experiências dessas mulheres em comparação com suas contrapartes brancas. Essa abordagem busca desvelar as complexidades das interações entre mulheres de diferentes raças no âmbito do feminismo, evidenciando a necessidade de compreender a diversidade de experiências dentro do movimento feminista ao longo do tempo. No exemplo a seguir veremos como as mulheres de cor (indianas) eram vistas pela sociedade no contexto do sufrágio feminista:

### Quadro 11 Decodificando conotações para descrever pessoas de diferentes etnias

64	The Indian women at the procession were described by a governor of an Indian province as “striking and picturesque.... In beautiful dress ... the most significant feature of the whole procession” (Visram 2002, 164).	As mulheres indianas na procissão foram descritas por um governador de uma província indiana como "impressionantes e pitorescas.... Em belo vestido ... a característica mais significativa de toda a procissão" (Visram 2002, 164)
----	---	---

No quadro 11, linha 3, a análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro", quando observada na análise da sexualização e do silenciamento das mulheres indianas na história do sufrágio, revela a interseção complexa entre a objetificação exótica e a invisibilidade sistêmica. E os adjetivos escolhidos (**impressionante e pitorescas**) para representar estas mulheres evidencia este elogio disfarçado de indiferença. A descrição do governador da província destaca uma visão aparentemente "clara" das mulheres indianas na procissão, caracterizando-se como "impressionantes" e "pitorescas", enfatizando suas vestimentas como a característica mais marcante. No entanto, essa visão superficial se desvanece quando confrontamos o "escuridão" subjacente a essa representação. As mulheres indianas são, assim, reduzidas a um **espetáculo** "oriental", enquadradas como objetos de contemplação, despojadas de sua subjetividade e individualidade.

### Quadro 12 Conotação semântica em sentido pejorativo

65	In contrast to the “staunch,” “defeminized” and “dangerous” white suffragettes, the Indian women were seen as no more than an “oriental” spectacle, strange and exotic creatures to be gazed upon—to be “known” better than they “know” themselves.	Em contraste com o “fervoroso”, “desfeminizadas” e “perigosas” para as sufragistas brancas, as mulheres indianas eram vistas como não mais do que um espetáculo “oriental”, criaturas estranhas e exóticas para serem contempladas, para serem “conhecidas” melhor do que elas mesmas “se conhecem”.
----	---	--

Na composição desse exame crítico, a análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro" emerge como uma metáfora poderosa que ilustra a complexidade das experiências das mulheres de cor na coroação do Rei George V. Enquanto a visão superficial aparentemente "**clara**" das mulheres indianas as retrata como objetos de contemplação, a "escuridão" subjacente revela uma narrativa mais fatídica, onde são percebidas como ameaças, despojadas de sua feminilidade e silenciadas estrategicamente. O apagamento da luz da feminilidade e a emergência de um "escuridão" que as sufragistas brancas projetam sobre as mulheres de cor destacam as camadas complexas de objetificação, exotismo e silenciamento que permeiam historicamente essa narrativa.

Retomando a ideia central do Capítulo 1 sobre a análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro" na obra, percebe-se que as nuances fornecidas pela autora desempenham um papel crucial na construção da narrativa. A reflexão sobre essas dualidades, seja nas questões de gênero e raça, seja na linguagem utilizada, revela a riqueza e a complexidade subjacentes à obra original. Na tradução, a transposição dessas nuances para o texto na língua portuguesa é um desafio, mas também uma oportunidade para preservar a intensidade das dualidades presentes no original.

Como resultado, a análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro" não apenas cria uma atmosfera única para os leitores, mas também destaca como as relações intrincadas entre as nuances estão intrinsecamente impressas na obra, independentemente da língua em que é lida. A tradução, nesse contexto, emerge como uma ponte sensível para transmitir não apenas palavras, mas a riqueza emocional e conceitual que permeia a conotação semântica explorada pela autora.

Em conclusão, assim como discutido no capítulo anterior, e neste trecho, a análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro" na obra reflete não apenas uma narrativa envolvente, mas também uma exploração profunda das interseções de gênero, raça e

linguagem. A tradução, ao preservar essas nuances, transcende barreiras, proporcionando uma experiência que transcende as palavras e destaca a potência das obras como agentes de compreensão e reflexão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi feita a tradução de "Decolonizing Higher Education: Black Feminism and the Intersectionality of Race and Gender" e a análise deste trabalho segundo a tradução como um ato político de Baker (2018). Neste percurso, mergulhamos nas diversas camadas discutidas por meio das pautas defendidas pela autora em seu texto, desvelando nuances que não apenas desafiam, mas também enriquecem a compreensão do contexto educacional.

A análise do léxico do feminismo negro, baseado na terminologia do feminismo negro, foi uma peça fundamental para o começo das discussões inerentes a tradução neste quebra-cabeça linguístico, revelou-se uma jornada de meticulosidade e sensibilidade para compreensão e tradução desses termos. Cada palavra citada, foi cuidadosamente escolhida, e buscou não apenas manter a fidelidade à obra original, mas também a capacidade de transmitir a riqueza semântica e cultural intrínseca ao texto de Mirza, para a língua de chegada. Afinal, a tradução não é apenas transposição de palavras, mas a busca pela identidade do texto original e como essa essência será preservada na língua de chegada.

A análise e adaptação de itens léxicos do feminismo negro emergiram como um ponto focal dessa investigação. Neste processo, nos deparamos com a complexidade de expressar conceitos que, por vezes, transcendem fronteiras linguísticas. Contudo, a tarefa revelou-se uma oportunidade de promover diálogos interculturais e ressignificar conceitos para falantes de língua portuguesa, sem perder de vista a essência vibrante do feminismo negro.

Ao explorar a análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro", confrontamos as representações simbólicas transmitidas de significados históricos e culturais. O desafio não foi apenas traduzir palavras, mas em transportar imagens mentais, evocando a consciência crítica do leitor para as nuances que permeiam as dualidades presentes no discurso de Mirza. A clareza e a escuridão, mais do que metáforas visuais, revelam-se como ferramentas poderosas na desconstrução ou reafirmação de estereótipos arraigados.

A narrativa, tecida com maestria de Heide Safia Mirza, não é apenas uma compilação de palavras; é um convite à reflexão, um chamado à ação. O texto transcende barreiras linguísticas e culturais, conectando-se com o leitor de maneira profunda e impactante. A análise minuciosa não apenas revelou a complexidade das ideias, mas também evidenciou a habilidade do autor em envolver e provocar a consciência crítica de quem se aventura por suas páginas.

Um dos desafios preeminentes enfrentados durante a tradução do texto apresentado reside na transposição dos elementos lexicais específicos do feminismo negro. Concentrando-nos especialmente nas nuances empregadas pela autora, buscamos não apenas traduzir literalmente os termos, mas também preservar as conotações intrínsecas ao discurso.

A tarefa de manter a essência das expressões utilizadas pela autora revelou-se particularmente delicada, exigindo uma atenção minuciosa para capturar a riqueza semântica de cada termo. A abordagem cuidadosa foi essencial para garantir que o leitor de língua portuguesa estivesse imerso na mesma experiência conceitual e emocional delineada no ensaio original. Além disso, a atenção à estrutura utilizada no texto original foi vital, preservando a coesão e a mensagem impactante transmitida pela autora. Este desafio específico, embora complexo, proporcionou uma oportunidade única para explorar estratégias criativas de tradução, garantindo que a voz do feminismo negro ressoasse de maneira autêntica e respeitosa no novo contexto linguístico.

Desta forma, ao encerrar este projeto, reafirmamos a importância da tradução não apenas como um ato linguístico, mas como uma ponte que conecta diferentes mundos de pensamento. A interseccionalidade de raça e gênero, a análise de itens do feminismo negro, a adaptação terminológica, a análise de conotação semântica entre "claro" e "escuro" simbólica e a narrativa envolvente convergem para destacar a relevância de uma abordagem sensível e comprometida na interpretação de textos que transcendem fronteiras culturais. Que esta análise serve não apenas como um registro acadêmico, mas como uma celebração do poder transformador das palavras e das ideias que ecoam para além das páginas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. **O ENSAIO COMO FORMA**. In: Notas de Literatura I. São Paulo: Ática, 1994.
- CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. **FEMINIST TRANSLATION STUDIES: LOCAL AND TRANSNATIONAL PERSPECTIVE**. San Diego, University of California: Routledge, 2017. p. xii- xvi.
- COLLINS, Patricia Hill. “**O QUE É UM NOME? Mulherismo, Feminismo Negro E Além Disso\***.” *Cadernos Pagu*, no. 51, 18 Dec. 2017. Patricia Hill Collins, and Rosa-Luxemburg-Stiftung / Büro São Paulo. Pensamento Feminista Negro, Conhecimento, Consciência E a Política Do Empoderamento. São Paulo Boitempo, 2019.
- DUTRA, Bruna Vidanya Silvestre. **TRADUÇÃO, FEMINISMO E DIREITO: uma tradução funcionalista comentada de um artigo científico jurídico feminista**. 2023. 144 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Tradução Inglês) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.
- HAMILTON, Norma Diana. **TRANSLATION AND THE ANGLOPHONE BLACK FEMALE LITERATURE IN BRAZIL**. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 34, 2018, p. 47 -57. Disponível em.
- LEFEVERE, André. **TRANSLATION, REWRITING, AND THE MANIPULATION OF LITERARY FRAME**. London/New York: Routledge, 1992.
- MIRZA, Heidi. “**DECOLONIZING HIGHER EDUCATION: Black Feminism and the Intersectionality of Race and Gender**.” *Journal of Feminist Scholarship*, vol. 7, no. 7, 1 Jan. 2014, pp. 1–12.
- RODRIGUES, Arianne Mesquita. **UM ENSAIO DE BELL HOOKS** uma proposta de tradução comentada. 2018. 90 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Inglês)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- MONA BAKER, Tradução de ROSCOE- BESSA, Cristiane, et al. “**A TRADUÇÃO COMO UM ESPAÇO ALTERNATIVO PARA AÇÃO POLÍTICA**.” *Cadernos de Tradução*, vol. 38, no. 2, 11 May 2018, pp. 339–380.
- SCHÄFFER, Ana Maria de Moura. **SOBRE A TRADUÇÃO FEMINISTA (OU DE GÊNERO?) NO BRASIL: Algumas considerações**. *Revista Brasileira de Tradutores* No. 21, ano 2010.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. “**O BRANCO E A BRANQUITUDE: LETRAMENTO RACIAL E FORMAS DE DESCONSTRUÇÃO DA RACISMO**.” *Portuguese Literary and Cultural Studies*, 27 July 2022, pp.171–189, ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/article/view/PLCS34\_35\_Schucman\_page171/1333.

SILVA, Luciana de Mesquita. “**DIÁSPORA NEGRA EM CONTEXTO de TRADUÇÃO: DISCUTINDO a PUBLICAÇÃO de MULHERES, RAÇA E CLASSE, de ANGELA DAVIS, NO BRASIL.**” *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, vol. 57, no. 1, Apr. 2018, pp. 205–228, <https://doi.org/10.1590/010318138651712357431>. Accessed 12 Jan. 2021.

SILVA, Luciene do Rêgo da. “**PARA LEVANTAR AS MULHERES**” : Harriet Ann Jacobs, (Re)Tradução Feminista Negra Comentada de *Incidents in the Life of a Slave Girl* (1861).”

## APÊNDICE

<i>Nº</i>	<b>TEXTO — ORIGINAL</b>	<b>TEXTO TRADUZIDO</b>
1	Decolonizing Higher Education: Black Feminism and the Intersectionality of Race and Gender	Descolonizando o Ensino Superior: Feminismo Negro e Interseccionalidade de Raça e Gênero
2	Heidi Safia Mirza, Goldsmiths College, University of London	Heide Safia Mirza, Faculdade de Goldsmith, Universidade de Londres.
3	<b>Abstract:</b> Drawing on black feminist theory, this paper examines the professional experiences of postcolonial diasporic black and ethnicized female academics in higher education. <sup>1</sup>	<b>Resumo:</b> Com base na teoria feminista negra, este artigo aborda as experiências profissionais de profissionais acadêmicas negras e etnicizadas de diáspora pós-coloniais no ensino superior. <sup>1</sup>
4	The paper explores the embodiment of gendered and racialized difference and reflects on the power of whiteness to shape everyday experiences in such places of privilege.	O documento aborda a representação das diferenças de gênero e racialidade e reflete sobre o poder da branquitude para moldar as experiências cotidianas em tais lugares privilegiados.
5	The powerful yet hidden histories of women of color in higher education, such as the Indian women suffragettes and Cornelia Sorabji in late nineteenth century, are symbolic of the erasure of an ethnicized black feminist/womanist presence in mainstream (white) educational establishments.	As histórias poderosas, porém ocultas das mulheres de cor no ensino superior, como as mulheres indianas sufragistas e Cornelia Sorabji no final do século XIX, simbolizam o apagamento de uma presença do mulherismo/ou da presença feminista negra etnicizada nos estabelecimentos (brancos) de ensino regular.
6	The paper concludes that an understanding of black and ethnicized female agency and desire for education and learning is at the heart of a black feminist analysis that reclaims higher education as a radical site of resistance and refutation.	O artigo conclui que a compreensão da atuação feminina negra e etnicizada, o desejo de educação e aprendizagem estão no centro de uma análise feminista negra que reivindica o ensino superior como um local radical de resistência e refutação.
7	<b>Keywords:</b> black feminism, postcolonial theory, decolonization, race, gender, social class, higher education, intersectionality, inequality, diversity	<b>Palavras-chave:</b> feminismo negro, teoria pós-colonial, descolonização, raça, gênero, classe social, educação superior, interseccionalidade, desigualdade, diversidade
8	<b>Introduction</b> In order to tackle race and gender inequality in higher education, it is imperative to understand the nature of power relations and the ways in which racialized, classed and gendered boundaries are produced and lived through black/postcolonial female	<b>Introdução</b> Para combater a desigualdade racial e de gênero no ensino superior, é primordial compreender a natureza das relações de poder e as formas pelas quais fronteiras de raça, classe e gênero são produzidas e vividas através da subjetividade

	subjectivity in our places of learning and teaching.	feminina negra/pós-colonial em nossos lugares de aprendizagem e ensino.
9	To undertake the task of decolonizing our spaces of higher education, this article begins by addressing two necessary and fundamental questions that underpin the black feminist struggle to find a voice in the educational landscapes of academe.	Para realizar a tarefa de descolonizar nossos espaços de educação superior, este artigo começa dirigindo-se a duas questões necessárias e fundamentais que sustentam a luta feminista negra para encontrar uma voz nas estruturas educacionais da academia.
10	First, how do racial and gender distinctions come to structure the experiences of black and ethnicized women in our places of learning?	Em primeiro lugar, como as distinções raciais e de gênero estruturam as experiências das mulheres negras e etnicizadas em nossos lugares de aprendizagem?
11	This question addresses the issue of black and ethnicized female identity and subjectivity and the way her “difference” is systematically organized through social relations in our political and economic structures, policies and practices.	Esta pergunta aborda a questão da identidade e subjetividade feminina negra e etnicizada e a forma como sua "diferença" é sistematicamente organizada através de relações sociais em nossas estruturas políticas e econômicas, políticas e práticas.
12	Second, I ask why, in the context of endemic race and gender inequality, is there a persistent expression of educational desire and optimism among black and ethnicized women?	Em segundo lugar, pergunto por que, no contexto da desigualdade racial e de gênero endêmica, existe uma expressão persistente de entusiasmo e otimismo educacional entre as mulheres negras e etnicizadas?
13	To answer these two questions, I take a black feminist insider/outsider view of the ways in which gender and race difference is lived out in the contingent historical specificity of our universities.	Para responder a estas duas perguntas, utilizo uma visão feminista negra interna e externa das formas pelas quais a diferença de gênero e raça são vividas na especificidade histórica contingente de nossas universidades.
14	My aim here is to clarify our understanding of the multiple and complex ways in which structures of power reproduce social divisions in the everyday lives of women of color.	Meu objetivo aqui é esclarecer nossa compreensão das múltiplas e complexas formas nas quais as estruturas de poder reproduzem as divisões sociais na vida cotidiana das mulheres de cor.
15	I examine the processes of social inequality and systematic institutionalized discriminatory practices in the context of racial and gendered human agency which frames the black and ethnicized female struggle for life chances and educational opportunities.	Examino os processos de desigualdade social e práticas sistemáticas de discriminação institucionalizadas no contexto da organização humana racial e de gênero que enquadra a luta feminista negra e etnicizada pelas oportunidades de educação e mudança de vida.
16	<b>Black Feminism and “Embodied Intersectionality”</b>	<b>Feminismo negro e “interseccionalidade corporificada”</b>

17	The black feminist framework I employ in this paper seeks to reconfigure the complexities of black and ethnicized female marginality in an intersectional analysis where race, class, gender, and other social divisions are theorized as lived realities.	A estrutura feminista negra que emprego neste trabalho procura reconfigurar as complexidades da marginalidade feminina negra e etnicizada em uma análise interseccional em que raça, classe, gênero e outras divisões sociais são teorizadas como realidades vividas.
18	Intersectionality, a term coined by Kimberlé Crenshaw (1989; 1991), rearticulated concerns about black female marginality in mainstream theorizing that were voiced in the scholarship of African American black feminists such as Angela Davis, Patricia Hill Collins and Audre Lorde (Cho, Crenshaw and McCall 2013).	Interseccionalidade, um termo elaborado por Kimberlé Crenshaw (1989; 1991), rearticulou preocupações sobre a marginalidade feminina negra na teorização dominante que foram expressas nas pesquisas de feministas negras afro-americanas como Angela Davis, Patricia Hill Collins e Audre Lorde (Cho, Crenshaw e McCall 2013).
19	Intersectionality provides a complex ontology of “really useful knowledge,” which systemically reveals the everyday lives of black and ethnicized women who are simultaneously positioned in multiple structures of dominance and power as gendered, raced, classed, colonized, and sexualized “others.”	A interseccionalidade fornece uma complexa ontologia de "conhecimento realmente útil", que revela sistematicamente a vida cotidiana das mulheres negras e etnicizadas que estão simultaneamente posicionadas em múltiplas estruturas de dominação e poder "como a "outra" raça, gênero, classe, colonizada e sexualizada"
20	Intersectionality signaled a move away from the inadequate additive models of double or triple jeopardy and the seemingly meaningless listing of never-ending hierarchies of multiple social positions and identities.	A interseccionalidade marcou um afastamento dos modelos aditivos inadequados de risco duplo ou triplo e a lista aparentemente sem sentido de hierarquias sem fim de múltiplas posições e identidades sociais.
21	Black and ethnicized women, of different ages, with various caring responsibilities, coming from particular cultures, religions, nation-states, with or without citizenship and human rights, live in the dominant modalities of race, class and gender (Brah 1996; Brah and Phoenix 2004).	Mulheres negras e etnicizadas, de diferentes idades, com várias responsabilidades de cuidado, provenientes de culturas, religiões, Estados-nação, com ou sem cidadania e direitos humanos vivem nas modalidades dominantes de raça, classe e gênero (Brah 1996; Brah e Phoenix 2004).
22	A black feminist epistemology is contextual and contingent, and it examines the differentiated and variable organizing logics of race, class and gender and other social divisions such as sexuality, age, disability, culture, religion, and belief that structure women’s lives in different historical times (Yuval-Davis 2006) and geographic places (McKittrick 2006).	Uma epistemologia feminista negra é contextual e contingente, e examina as lógicas de organização diferenciadas e variáveis de raça, classe, gênero e outras divisões sociais tais como “sexualidade, idade, deficiência, cultura, religião e crença que estruturam a vida das mulheres em diferentes épocas históricas” (Yuval-Davis 2006) e lugares geográficos (McKittrick 2006).

23	The notion of “embodied intersectionality” seeks to make sense of the black “othered” woman’s symbolic and narrative struggle over the defining materiality of her educational experience.	A noção de “interseccionalidade incorporada” procura dar significado às lutas simbólicas e de narrativa da mulher negra “outra/alheia” sobre a materialidade definidora de sua experiência educacional.
24	Felly Nweko Simmonds, a black woman academic who writes of this embodied experience, says: “The world I inhabit as an academic is a white world ... in this white world I am a fresh water fish that swims in sea water.	Felly Nweko Simmonds, uma acadêmica negra que escreve sobre a corporificação de suas experiências, diz:“ O mundo que habito, como acadêmica é um mundo branco ... e nesse mundo branco sou um peixe de água doce nadando em água do mar.
25	I feel the weight of the water on my body” (1997, 227). It is a powerful statement about the personal costs of marginality for black women and the profound experiences you have when moving between “worlds” of difference in higher education.	Sinto o peso da água em meu corpo" (1997, 227). É uma declaração poderosa sobre os custos pessoais da marginalidade para as mulheres negras e as profundas experiências que se tem ao transitar entre "mundos" de diferença no ensino superior.
26	As black feminists, we need to ask questions about what shapes these worlds and how we are implicated in racist and sexist discourses through our inclusion, exclusion, choice, and participation. A task I now turn to through a historical lens in the following section.	Como feministas negras, precisamos questionar sobre o que molda esses mundos e como estamos implicadas nos discursos racistas e sexistas através de nossa inclusão, exclusão, escolha e participação. Uma tarefa à qual me dirijo agora por uma lente histórica, na seção seguinte.
27	<b>Postcolonial Bodies: “Being and Becoming” Gendered and Raced</b>	<b>Corpos pós-coloniais: "Ser e se Tornar" Racializadas e Generificadas</b>
28	Experience, as revealed by black ethnicized female oral histories, autobiographies, historical diaries, and photographs, makes visible the ways in which regulatory discursive power and privilege are “performed” or exercised in the everyday material world of the socially constructed black and ethnicized woman.	A experiência, como revelada pelas histórias escritas por mulheres negras e etnicizadas, autobiografias, diários históricos e fotografias, visibiliza as formas pelas quais o poder discursivo regulamentar e o privilégio são "realizados" ou exercidos no mundo material cotidiano da mulher negra e etnicizada socialmente construída.
29	In this paper, I draw on such personalized “embodied” narratives to demonstrate the processes of “being and becoming” a gendered and raced subject of academic and educational discourse.	Neste trabalho, recorro a tais narrativas personalizadas " incorporadas " para demonstrar os processos de " ser e tornar-se "um sujeito de gênero e de raça do discurso acadêmico e educativo.
30	For postcolonial women of color it is impossible to escape the body and its constructions and reconstructions as we	Para as mulheres pós-coloniais de cor, é impossível escapar do corpo e de suas construções e reconstruções enquanto

	negotiate daily our embodied social situations.	negociamos diariamente nossas situações sociais incorporadas.
31	What must it have been like for one of the first women of color in an elite white male university in Britain? There is a hidden genealogy of black and ethnicized women's presence in higher education in England.	Como deve ter sido para uma das primeiras mulheres de cor em uma universidade de elite masculina branca na Grã-Bretanha? Há uma genealogia oculta da presença de mulheres negras e etnicizadas no ensino superior na Inglaterra.
32	Cornelia Sorabji, who was Indian, went to Somerville Hall, Oxford in 1889. She was the first woman ever to study law in a British university (Visram 2002; Burton 1998). <sup>2</sup>	Cornelia Sorabji, que era indiana, foi para Somerville Hall, Oxford, em 1889. Ela foi a primeira mulher a estudar Direito em uma universidade britânica (Visram 2002; Burton 1998). <sup>2</sup>
33	Cornelia, who was by no means a feminist or a radical (she was in favor of British rule and against Gandhi's independence movement for India), wrote of her special treatment at Somerville in her diary (she was a consummate diarist).	Cornelia, que não era de forma alguma feminista ou radical (ela era a favor do domínio britânico e contra o movimento de independência de Gandhi para a Índia), escreveu sobre seu tratamento especial em Somerville em seu diário (que escrevia continuamente).
34	She always wore a sari and was introduced into influential literary and political circles.	Ela sempre usou um sari, e foi introduzida em influentes círculos literários e políticos.
35	She was given special privileges (a fire to dress in the morning) and was chaperoned to lectures.	Ela recebeu privilégios especiais (um braseiro para se vestir pela manhã) e era acompanhada às aulas.
36	Though she was never allowed to practice as a solicitor in Britain, as a woman she demanded and got special dispensation to sit her law exams.	Embora ela nunca tenha sido autorizada a exercer como advogada na Grã-Bretanha, como mulher ela exigiu e conseguiu uma dispensa especial para fazer seus exames da ordem.
37	She writes that the male students were so kind, giving up a book if the librarian said she wanted it. This special treatment exasperated her, and she said of her tutor, "I wish he would treat me like a man and not make gallant speeches about my intellect and quickness of perception" (Visram 2002, 95).	Ela escreveu que os estudantes homens eram muito gentis, desistindo de um livro se a bibliotecária dissesse que os queria. Este tratamento especial a exasperava, e ela disse do seu orientador: "Gostaria que ele me tratasse como um homem e não fizesse discursos galantes sobre meu intelecto e agilidade de percepção" (Visram 2002, 95).
38	Cornelia Sorabji returned to India and championed the property rights of the Purdahnashin (veiled women confined to the private domain by religious practice) but lived her final years in England in an asylum, where she died in 1954.	Cornelia Sorabji retornou à Índia e defendeu os direitos de propriedade das Purdahnashin (mulheres veladas confinadas ao domínio privado pela prática religiosa), no entanto, viveu seus últimos anos na Inglaterra, em um asilo, onde morreu em 1954.

39	Such a sad revelation makes me wonder about the “weight” of living a nonwhite existence in a consuming white world.	Esta triste revelação me faz pensar sobre o "peso" de viver uma existência não branca em um mundo branco desgastante.
40	Kathleen Casey describes how black women’s innocent expectations and eager quest for knowledge can take them on an unexpected journey “to another place” where they are transformed by the consuming, monolithic power of whiteness:	Kathleen Casey descreve como as expectativas inocentes das mulheres negras e a ávida busca pelo conhecimento podem levá-las a uma viagem inesperada "para outro lugar", onde são transformadas pelo poder monolítico e consumidor da branquitude:
41	young black women set off into the white world carrying expectations of mythic proportions ... their odysseys, they believe, will transform their lives ... but separated from their cultural communities these young women’s passages turn out to be isolated individual journeys ... “into the heart of whiteness.” (Casey 1993, 132)	Jovens mulheres negras partem para o mundo branco carregando expectativas de proporções míticas... suas odisseias, acreditam elas, que transformarão suas vidas...mas separadas de suas comunidades culturais, essas jornadas de jovens mulheres acabam se tornando viagens individuais isoladas ... "Para ao coração da branquitude". (Casey 1993, 132)
42	Being a curiosity, a special case, “one in a million,” can be an emotional and professional burden to black and ethnicized women in the academy.	Ser uma curiosidade, um caso especial, "um em um milhão", pode ser um fardo emocional e profissional para as mulheres de cor na academia.
43	To be an exotic token, an institutional symbol, a mentor and confidant, and a “natural expert” on all things to do with “race” is something that many black women academics recount experiencing in their careers in the academe (Williams 1991; hooks 1994; Spivak 1993; Mirza 1995; Simmonds 1997; Razack 1998; Essed 2000; Ahmed 2009, 2012).	Ser um símbolo exótico, um símbolo institucional, uma mentora e confidente, e uma "especialista natural" em todas as coisas relacionadas a "raça" é algo que muitas mulheres negras acadêmicas relatam ter experimentado em suas carreiras na universidade (Williams 1991; hooks 1994; Spivak 1993; Mirza 1995; Simmonds 1997; Razack 1998; Essed 2000; Ahmed 2009, 2012).
44	But we need to be careful how we situate these “tales of dark-skinned women,” for, as Gargi Bhattacharyya (1998) eloquently argues in her eponymous book, such heroic “new” stories in themselves do not counter invisibility and negative stereotypes deeply embedded in our thinking.	Mas precisamos ser cuidadosas na forma como situamos estas "histórias de mulheres de pele escura", pois, como Gargi Bhattacharyya (1998) argumenta eloquentemente em seu livro epônimo, tais "novas" histórias heroicas por si só não contrariam a invisibilidade e os estereótipos negativos embutidos de forma profunda em nosso pensamento.
45	Acknowledging and celebrating their “difference” is not enough; rather, it is the kind of difference that is acknowledged that we as black feminists must be ever vigilant of (Mohanty 1993).	Reconhecer e celebrar sua "diferença" não é suficiente; ao contrário, é o tipo de diferença que se reconhece que nós, como feministas negras, devemos estar sempre vigilantes de (Mohanty 1993).

46	The story of Indian women suffragettes to which I now turn reveals not only the collective amnesia about the embodied presence of postcolonial women in higher education but also their construction as benign “multicultural” others.	A história das mulheres indianas sufragistas a que agora me dirijo revela não apenas a amnésia coletiva sobre a presença incorporada de mulheres pós-coloniais no ensino superior, mas também sua construção como "multiculturais" benignas outras.
47	Indian women remain largely outside the historiography of British suffragettes. However, one of the most active Indian suffragettes was Sophia Duleep Singh, daughter of Maharaja of the Punjab, whose sisters Bamba and Catherine were together with her at Somerville College in the 1890s, along with Cornelia Sorabji.	As mulheres indianas permanecem em sua maioria fora da historiografia das sufragistas britânicas. No entanto, uma das mais ativas sufragistas indianas foi Sophia Duleep Singh, filha de Maharaja do Punjab, cujas irmãs Bamba e Catherine estavam com ela no Somerville College nos anos 1890, com Cornelia Sorabji.
48	Why, in all my years as a feminist living in the West, did I not know this? In the corner of a dark display cabinet on the suffragette movement in the Museum of London, I stumbled upon a small crumpled photograph of the Indian suffragettes at the 1911 Women’s Coronation Procession. <sup>3</sup>	Por que, em todos os meus anos como feminista vivendo no Ocidente, eu não sabia disso? No canto de um armário escuro do movimento sufragista no Museum of London, tropecei em uma pequena fotografia amassada das sufragistas indianas na Procissão de Coroação de Mulheres de 1911. <sup>3</sup>
49	I was excited by the excavation of Indian women as activists, scholars and writers. Women like me, in demonstrations back then, in a time when we were not even supposed to have an existence (Spivak 1988)! The Procession was a huge rally organized by the suffragettes to highlight their struggle during the coronation celebrations of George V.	Fiquei entusiasmado com a escavação de mulheres indianas como ativistas, estudiosas e escritoras. Mulheres como eu, em manifestações naquela época, em um momento em que nem sequer deveríamos ter uma existência (Spivak 1988)! A Procissão foi um grande comício organizado pelas sufragistas para destacar sua luta durante as celebrações da coroação de George V.
50	There were 60,000 women and 1,000 banners, and the column of marchers snaked for seven miles. In the picture, under a banner with their emblem of an elephant, were assembled several Indian women suffragettes.	Havia 60.000 mulheres e 1.000 faixas, e a coluna de manifestantes serpenteava mais de 11 quilômetros. Na foto, sob uma bandeira com o emblema de um elefante, foram reunidas várias mulheres indianas sufragistas.
51	The Indian women at the procession were described by a governor of an Indian province as “striking and picturesque.... In beautiful dress ... the most significant feature of the whole procession” (Visram 2002, 164).	As mulheres indianas na procissão foram descritas por um governador de uma província indiana como "impressionantes e pitorescas.... Em belo vestido ... a característica mais significativa de toda a procissão" (Visram 2002, 164)
52	In contrast to the “staunch,” “defeminized” and “dangerous” white suffragettes, the	Em contraste com o "fervoroso", "desfeminizadas" e "perigosas" para as

	Indian women were seen as no more than an “oriental” spectacle, strange and exotic creatures to be gazed upon—to be “known” better than they “know” themselves.	sufragistas brancas, as mulheres indianas eram vistas como meramente um espetáculo "oriental", criaturas estranhas e exóticas para serem contempladas, para serem "conhecidas" melhor do que elas mesmas "se conhecem".
53	Simmonds discusses how racial knowledge is constructed about “the other” and how being seen as a “curiosity” is far from innocent. She writes about how she is seen as a black woman:	Simmonds discute como o conhecimento racial é construído sobre "o outro" e como ser visto como uma "curiosidade" está longe de ser inocente. Ela escreve sobre como ela é vista como uma mulher negra:
54	Adorned and unadorned I cannot escape the fantasies of the western imagination... this desire for colonized bodies as spectacle ... is essentially an extension of the “desiring machine” of capital. (Simmonds 1997, 232)	Adornada e sem adornos, não posso escapar das fantasias da imaginação ocidental... este desejo de corpos colonizados como espetáculo... É essencialmente uma extensão da "máquina do desejo" do capital. (Simmonds 1997, 232)
55	I had always thought the struggle for a space in higher education was a “white woman’s history”—as indeed I thought that the suffragette movement was a white woman’s movement—but history is about what gets chosen to be revealed by whom and when.	Sempre pensei que a luta por um espaço no ensino superior era uma "história para mulher branca" de modo que, na verdade, eu pensava que o movimento sufragista era um movimento de mulher branca, mas a história é sobre o que é escolhido para ser revelado por quem e quando.
56	Chandra Talpade Mohanty (2003) writes against a hastily derived notion of “universal sisterhood” that assumes a commonality of gender experience across racial and national lines.	Chandra Talpade Mohanty (2003) escreve contra uma noção precipitadamente derivada de "irmandade universal" que assume uma experiência comum de gênero através de linhas raciais e nacionais.
57	Feminist scholarship, she argues, inadvertently produces Western women as the only legitimate subjects of struggle, while “Third World” women are only heard as fragmented, inarticulate voices in and from the darkness.	A erudição feminista, argumenta ela, produz inadvertidamente mulheres ocidentais como os únicos sujeitos legítimos de luta, enquanto as mulheres do "Terceiro Mundo" são ouvidas apenas como vozes fragmentadas e inarticuladas dentro e fora da escuridão.
58	The erasure of black and postcolonial women’s genealogy from British academia exposes a “countermemory” of the women themselves, which tells a different story of (an) other “truth.” Gayatri Chakravorty Spivak (1998) calls such conscious negation in discourse of women of color a form of “epistemic violence.”	O apagamento da genealogia das mulheres negras e pós-coloniais da academia britânica expõe uma "constramemória" das próprias mulheres, que conta uma história diferente de (uma) outra "verdade". Gayatri Chakravorty Spivak (1998) chama essa negação consciente no discurso das mulheres de cor de uma forma de "violência epistêmica".
59	By telling the stories of Sophia and Cornelia I am not advocating that it is enough to state that “black women were there too,” as some	Ao contar as histórias de Sophia e Cornelia, não estou defendendo que é suficiente afirmar que "mulheres negras também estavam lá", como

	sort of a triumph, that numbers and presence is all!	uma espécie de triunfo, que os números e a presença são tudo!
60	This would be to invoke a benign multiculturalism that suggests that “diversity” in and of itself—that is, the mere presence of the postcolonial female body—signals the attainment of equality.	Isto seria invocar um multiculturalismo benigno que sugere que a "diversidade" por ela mesma, ou seja, a mera presença do corpo feminino pós-colonial, sinaliza a obtenção de igualdade.
61	I tell the stories of these lost and invisible pioneers because for black and ethnicized women existence is not just about physical space—it is also about the power to occupy a historical space, as Hazel Carby explains:	Conto as histórias destas pioneiras perdidas e invisíveis porque para as mulheres de cor a existência não é apenas sobre o espaço físico, também é sobre o poder de ocupar um espaço histórico, como explica Hazel Carby:
62	The black woman’s critique of history has not only involved us coming to terms with absences: we have also been outraged by the ways in which it has made us visible, when it has chosen to see us ... we cannot hope to constitute ourselves in all our ill-conceived presences that invade herstory from history, but we do wish to bear witness to our own herstories. (Carby 1997, 45)	A crítica da mulher negra sobre a história não só envolveu aceitarmos as ausências: também ficamos indignadas com as formas como ela nos tornou visíveis, quando escolheu nos ver... não podemos esperar nos constituir em todas as nossas presenças mal concebidas que invadem a história das mulheres na história, mas queremos testemunhar nossas próprias histórias “das mulheres”. (Carby 1997, 45)
63	<b>Race and the “Politics of Containment” in Higher Education</b>	<b>A raça e a "Política de Contenção" no Ensino Superior</b>
64	Whereas racial segregation was designed to keep blacks as a group or class outside centers of power, surveillance now aims to control black individuals inside centers of power when they enter the white spaces of the public and private spheres.	Enquanto a segregação racial foi projetada para manter os negros como um grupo ou classe fora dos centros de poder, a vigilância agora visa controlar os indivíduos negros dentro dos centros de poder quando eles entram nos espaços brancos das esferas públicas e privadas.
65	— Patricia Hill Collins, “Fighting Words: Black Women and the Search for Justice”	— Patricia Hill Collins, “Fighting Words: Black Women and the Search for Justice”.
66	Black women are increasingly visible in public spaces as professionals in places that were previously homogenous with respect to race and gender, such as universities, the judiciary and the media.	As mulheres negras são cada vez mais visíveis nos espaços públicos como profissionais em lugares que antes eram homogêneos em relação à raça e ao gênero, como as universidades, o judiciário e a mídia.
67	The black feminist writer Patricia Hill Collins (1998) suggests, in the above quote, that this shift in the positioning of race, gender and class through changing power relations and privatization has led to reconfigured patterns of institutionalized racism.	A escritora negra feminista Patricia Hill Collins (1998) sugere, na citação acima, que essa mudança no posicionamento de raça, gênero e classe através da mudança das relações de poder e da privatização levou a reconfigurar padrões de racismo institucionalizado.

68	In what she calls the “new politics of containment,” surveillance strategies become particularly important when middle-class black and ethnicized women enter institutional spaces of whiteness in the increasingly devalued public sphere from which they were hitherto barred.	No que ela chama "nova política de contenção", as estratégias de vigilância se tornam particularmente importantes quando mulheres negras e etnicizadas de classe média entram em espaços institucionais de branquitude na esfera pública cada vez mais desvalorizada da qual até então estavam barradas.
69	Collins argues that black women are “watched” in desegregated work environments to ensure they remain “unraced” and assimilated (1998, 38).	Collins argumenta que as mulheres negras são "vigiadas" em ambientes de trabalho segregados para garantir que permaneçam "não racializadas" e assimiladas (1998, 38).
70	Being seen to be assimilated is important, as standing out can invoke deep feelings of need, rejection and anxiety within the “white other” (Ahmed 2012).	Ser vista como assimilada é importante, pois se destacar pode invocar sentimentos profundos de necessidade, rejeição e ansiedade dentro do "outro branco" (Ahmed 2012).
71	To be unassimilated or “stand out” invites a certain type of surveillance that appears benign but can be deeply distressing for black and ethnicized women.	Ser desassimilado ou "destacar-se" convida a uma certa categoria de vigilância que parece benigna, mas que pode ser profundamente angustiante para as mulheres negras e etnicizadas.
72	For example, surveillance means being accountable and having more attention than others heaped up upon you. As one of the first black British female professors in the 1990s, my “rare” appointment was met with fanfare and excitement.	Por exemplo, a vigilância significa ser responsável e ter mais atenção do que outras pessoas, amontoados em você. Como uma das primeiras professoras britânicas negras nos anos 90, minha "rara" nomeação foi recebida com fanfarra e entusiasmo.
73	I was seen as a “special case”; one in “a million”; a black female “diversity” trophy.	Fui vista como um "caso especial"; um em "um milhão"; um troféu de "diversidade" da mulher negra.
74	I was on the front page of the university news and invited to many high-profile functions and events. Though it was not part of my job, in the first week I had to publicly present a detailed five-year plan for delivering equal opportunities and race equality to the senior managers and executives of the university.	Eu estava na primeira página das notícias da universidade e fui convidada para muitas atividades e eventos de alto perfil. Embora não fizesse parte do meu trabalho, na primeira semana tive que apresentar publicamente um plano detalhado de cinco anos para proporcionar igualdade de oportunidades e igualdade racial aos gerentes seniores e executivos da universidade.
75	By three months, I had been required to write five reports on my targets, attainments and strategies, and also found myself accountable to three different line managers (as it could	Em três meses, fui obrigada a escrever cinco relatórios sobre minhas metas, realizações e estratégias, e também me encontrei sobre supervisão perante três gerentes de linha diferentes (pois não foi possível decidir a quem

	not be decided to whom I should report to, the executive, academic area, or the faculty).	me reportar, ao executivo, à área acadêmica ou ao corpo docente).
76	Their “kind and supportive” attention was all-consuming, but I received no real support for my academic research and teaching. No other professor in my university had received this exhausting and intense level of scrutiny or expectation over such a short space of time. Finally, I became seriously ill and had to leave (Mirza 2009, 167).	A atenção "gentil e solidária" deles era muito grande, mas eu não recebi nenhum apoio real para minha pesquisa acadêmica e docência. Nenhum outro professor em minha universidade havia recebido este nível exaustivo e intenso de observação ou expectativa em tão curto espaço de tempo. Finalmente, eu fiquei gravemente doente e tive de me afastar (Mirza 2009, 167).
77	There is an irony to heightened visibility for the “invisible” in our polite and genteel corridors of higher education.	Há uma ironia em aumentar a visibilidade do "invisível" em nossos corredores gentis e delicados do ensino superior.
78	National surveys of ethnic minorities in UK higher education have found women of color were more likely than any other group to report being the victim of sexual harassment and discrimination at work (Bhopal and Jackson 2013; Equality Challenge Unit 2009, 11).	Pesquisas nacionais de minorias étnicas no ensino superior do Reino Unido descobriram que mulheres de cor eram mais propensas do que qualquer outro grupo a relatarem serem vítimas de assédio sexual e discriminação no trabalho (Bhopal e Jackson 2013; Equality Challenge Unit 2009, 11).
79	This raises many questions about the safety of black and ethnicized women in public spaces.	Isso levanta muitas questões sobre a segurança das mulheres negras e etnicizadas em espaços públicos.
80	The historic case of Anita Hill, the African American woman who brought a high-profile case against the African American Supreme Court nominee Clarence Thomas, demonstrated how sexual harassment can be racialized within an institutional context.	O caso histórico de Anita Hill, mulher afro-americana que deu início a um caso de alta visibilidade contra a nomeada Clarence Thomas, da Suprema Corte afro-americana, demonstrou como o assédio sexual pode ser racializado dentro de um contexto institucional.
81	Hill lost her case and it is argued this happened because of the way the “black woman” is constructed and given meaning in the public discourse on “race” (Morrison 1993; Collins 1998).	Hill perdeu seu caso e argumenta-se que isto aconteceu devido à forma como a "mulher negra" é construída e dado significado no discurso público sobre "raça" (Morrison 1993; Collins 1998).
82	Anita Hill did not fit any of the stereotypes of “the black woman” (i.e., she was not an “overachiever” or a “welfare mother”), thus she could not be easily understood and received no sympathy in the African American and White public mind.	Anita Hill não se encaixava em nenhum dos estereótipos da "mulher negra" (ou seja, ela não era "Black lady overachiever" ou uma "welfare mother"), portanto, não podia ser facilmente compreendida e não recebeu nenhuma simpatia na mente do público afro-americana e branca.
83	She was not seen as a credible defendant and was labelled as a “traitor to the race” by many in her own African American	Ela não foi vista como uma réu confiável sendo rotulada como "traidora da raça" por muitos em sua própria comunidade afro-americana por

	community because of her public denouncement of a senior black male colleague.	causa de sua denúncia pública de um colega negro sênior.
84	As Collins (1998, 38) points out, the “black woman” is predetermined by an already-written script in which she is visible yet silenced. Her body becomes “written on” by other, more powerful interests, rendering her powerless to speak for herself.	Como Collins (1998, 38) aponta, a "mulher negra" é determinada por um roteiro já escrito em que ela é visível, mas silenciada. Seu corpo se torna "escrito" por outros interesses mais poderosos, tornando-a impotente para falar por si mesma.
85	A black women’s journey into higher education takes her into the “heart of whiteness” where the homogenous identity, the black woman, is created by “a white gaze which perceives her as a mute visible object” (Casey 1993, 111).	A jornada da mulher negra ao ensino superior a leva ao "coração da "branquitude" onde a identidade homogênea, a mulher negra, é criada por "um olhar branco que a percebe como um objeto visível mudo" (Casey 1993, 111).
86	Being a “mute visible object” is something that consumes your very being. As bell hooks (1994, 74) argues, black women need healing strategies and healing words to enable them to deal with the anguish that racism and sexist oppression create in daily life. She suggests black women need to theorize their experiences from a “place of pain,” which enables a woman to remember and recover who she is.	Ser um "objeto visível mudo" é algo que consome seu próprio ser. Como argumentam bell hooks (1994, 74), as mulheres negras precisam de estratégias e palavras de cura que lhes permitam lidar com a angústia que o racismo e a opressão sexista criam no cotidiano. Ela sugere que as mulheres negras precisam teorizar suas experiências a partir de um "lugar da dor", o que permite que uma mulher se lembre e recupere quem ela é.
87	hooks explains such a location is experienced and shared by those who are “aware” of the personal and collective struggle that all forms of domination, such as homophobia, class exploitation, racism, sexism, patriarchy, and imperialism engender.	hooks explica que tal localização é vivida e compartilhada por aqueles que estão "conscientes" da luta pessoal e coletiva que todas as formas de dominação, tais como homofobia, exploração de classe, racismo, sexismo, patriarcado e imperialismo geram.
88	She suggests exposing courageously the “wounds of struggle” as a way to teach and guide us on new theoretical journeys to challenge and renew inclusive feminist struggle.	Ela sugere expor corajosamente as "feridas da luta" como uma forma de nos ensinar e orientar em novas jornadas teóricas para desafiar e renovar a luta feminista inclusiva.
89	Such a “place of pain” manifests itself in many ways. Recently, I attended an equality and diversity workshop where we were asked to identify experiences of institutional racism.	Tal "lugar de dor" se manifesta de muitas maneiras. Recentemente, participei de uma oficina de igualdade e diversidade a qual nos foi pedido para identificar experiências de racismo institucional.
90	A young Iranian woman, a graduate student, recounted how her Iranian husband, a	Uma jovem iraniana, estudante de pós-graduação, contou como seu marido

	qualified medical doctor, was experiencing racial discrimination when trying to get a placement in the National Health Service (NHS).	iraniano, um médico qualificado, estava passando por discriminação racial ao tentar conseguir uma colocação no Serviço Nacional de Saúde (NHS).
91	An older white male member of the group, an established academic, piped up and said, “Don’t worry, love... It wouldn’t happen to you, as you are so attractive.”	Um membro branco mais velho do grupo, um acadêmico estabelecido, se levantou e disse: "Não se preocupe, amor... Isso não aconteceria com você, pois você é tão atraente".
92	In that one moment, all the women of color in the group were rendered speechless, reduced to no more than their embodied “otherness”—mute visible objects, their bodies empty tablets for him to write his laden script upon.	Naquele momento, todas as mulheres de cor do grupo ficaram sem palavras, reduzidas a não mais do que seus "outros" objetos visíveis silenciosos, seus corpos vazios para que ele escrevesse seu roteiro carregado.
93	His racist and sexist comment was made possible by the unspoken power of whiteness, his situated patriarchy, and the inherent entitlement it bestows on his authoritative gaze.	Seu comentário racista e sexista foi possível graças ao poder não dito da branquitude, seu patriarcado situado e o direito inerente que ele confere ao seu olhar autoritário.
94	Patricia Williams, an eminent African American law professor, talks of the collective trauma such everyday incursions into your selfhood engender:	Patricia Williams, uma eminente professora de direito afro-americana, fala do trauma coletivo que tais incursões cotidianas em sua autodeterminação geram:
95	There are moments in my life when I feel as though part of me is missing. There are days when I feel so invisible that I can’t remember the day of the week it is, when I feel so manipulated that I can’t remember my own name, when I feel so lost and angry that I can’t speak a civil word to the people who love me best.	Há momentos em minha vida em que sinto como se parte de mim estivesse faltando. Há dias em que me sinto tão invisível que não consigo lembrar qual é o dia da semana, quando me sinto tão manipulada que não consigo lembrar meu próprio nome, quando me sinto tão perdida e zangada que não consigo falar uma palavra civilizada para as pessoas que me amam.
96	These are times I catch sight of my reflection in store windows and I am surprised to see the whole person looking back... I have to close my eyes at such times and remember myself, draw an internal pattern that is smooth and whole. (Williams 1991; quoted in hooks 1994, 74)	São momentos em que vejo meu reflexo nas “vitrines” das lojas e me surpreendo ao ver a pessoa inteira olhando de volta ... Tenho que fechar os olhos em tais momentos e me lembrar de mim mesma, desenhar um padrão interno que seja suave e inteiro. (Williams 1991; citado em hooks 1994, 74)
97	<b>The Excluding Power of Whiteness in Higher Education</b>	<b>O Poder Excludente da Branquitude no Ensino Superior</b>
98	I belong to a generation of postcolonial women who have struggled together in the	Pertencço a uma geração de mulheres pós-coloniais que enfrentaram juntas o mundo

	world of academe since the 1970s.	acadêmico desde 1970.
99	We have now established a small but important community of women scholars of color in Britain. There is also a new generation of hopeful young black and ethnicized women challenging the traditions of the academy—but even then we are still so few in number, an endangered species!	Estabelecemos agora uma pequena mas importante comunidade de mulheres acadêmicas de cor na Grã-Bretanha. Há também uma nova geração promissora de jovens mulheres negras e etnicizadas desafiando as tradições da academia, mas mesmo assim ainda somos tão poucas, uma espécie ameaçada de extinção!
100	Research shows that only 85 of the UK's 18,500 professors are black (University and College Union 2013), and only 17 are black women (Grove 2014).	Pesquisas mostram que apenas 85 dos 18.500 professores do Reino Unido são negros (University and College Union 2013), e apenas 17 são mulheres negras (Grove 2014).
101	Higher education in Britain still remains a “hideously white” place, rarely open to critical gaze (Back 2004, 3).	O ensino superior na Grã-Bretanha ainda permanece um lugar "horripelmente branco", raramente aberto ao olhar crítico (Voltar 2004, 3).
102	It is not a place in which you expect to find many black bodies. Being a black body “out of place” in white institutions has emotional and psychological costs to the bearer of that difference (Ahmed 2012, 153).	Não é um local no qual se espera encontrar corpos negros. Estando em um corpo negro “deslocado” em instituições brancas tem consequências psicoemocionais para o detentor dessa diferença (Ahmed 2012, 153).
103	There are costs to “just being there” in higher education. Black and minority ethnic students are more likely to leave university before completing their course than any other group.	Existe consequências apenas “por estar ali” na educação superior. Estudantes negros e de outras minorias estão mais propícios a deixarem a faculdade depois de finalizarem o curso, do que qualquer outro grupo.
104	As Helen Connor et al. (2004) argue, the most influential reasons are unmet expectations about higher education.	Assim como Helen Connor et al. (2004) argumenta, as razões mais influenciadoras são expectativas insatisfatórias sobre o ensino superior.
105	While financial and family difficulties, institutional factors (such as poor teaching), and wrong subject choice also feature, ethnic minority people reported additionally the feeling of isolation or hostility in academic culture.	Embora dificuldades financeiras e familiares, fatores institucionais (tais como ensino medíocre/ insuficiente) e escolha errada de disciplinas também sejam característicos, pessoas de minorias étnicas relataram adicionalmente o sentimento de isolamento ou hostilidade na cultura acadêmica.
106	These are worrying findings, as they signal the fact that many black students do not feel they “belong.”	Estes são os problemas encontrados, pois eles sinalizam que muitos alunos negros não tem um sentimento de “pertencimento”.
107	The findings of Diane Reay, Miriam David and Stephan Ball (2005) have shed some	As descobertas de Diane Reay, Miriam David e Stephan Ball (2005) lançaram alguma luz sobre

	light on the process of exclusion experienced by young working-class and ethnic minority people seeking to enter higher education.	o processo de exclusão experienciado pelos jovens da classe trabalhadora e minorias étnicas que procuram ingressar no ensino superior.
108	They suggest young people can engage in a process of self-exclusion when making university choices.	Eles sugerem que os jovens podem se engajar em um processo de auto exclusão ao fazer escolhas “universitárias”.
109	Drawing on Bourdieu, they show processes of exclusion work through having “a sense of one’s place which leads one to exclude oneself from places from which one is excluded” (Reay, David and Ball 2005, 91).	Com base em Bourdieu, eles mostram processos de trabalho de exclusão através de "uma sensação do lugar próprio que nos leva a nos excluirmos de lugares dos quais somos excluídos" (Reay, David e Ball, 2005, 91).
110	For the working classes, it is about what they must give up of themselves to belong, as one student at an elite university explains:	Para as classes trabalhadoras, trata-se do que elas devem renunciar de si mesmas para pertencer, como explica um estudante de uma universidade de elite:
111	“What’s a person like me doing in a place like that?” (161).	"O que faz uma pessoa como eu em um lugar como esse?" (161).
112	Working-class survivors in elite universities had learnt to navigate the hostilities of higher education through reflexively incorporating dominant middle-class academic dispositions into their own working-class habitus (Reay, Crozier and Clayton 2009).	Os sobreviventes da classe trabalhadora nas universidades de elite tinham aprendido a navegar pelas hostilidades do ensino superior através da incorporação reflexiva das disposições acadêmicas dominantes da classe média em seus próprios hábitos da classe trabalhadora (Reay, Crozier e Clayton 2009).
113	Processes of exclusion in higher education are difficult to unpack as they are underscored by the complex dynamics of class, gender and race. Experiences are complex and relational and are located at the intersection of structure, culture and agency.	Os processos de exclusão no ensino superior são difíceis de entender, pois são ressaltados pela complexa dinâmica de classe, gênero e raça. As experiências são complexas e relacionais e estão localizadas na intersecção de estrutura, cultura e organização.
114	For some, university can be a positive experience. As Shirin Housee demonstrates, young South Asian women can find a space at university to express assertive, independent personas which enable them to freely express their religious identity.	Para alguns, a universidade pode ser uma experiência positiva. Como Shirin Housee demonstra, as jovens do Sul da Ásia podem encontrar um espaço na universidade para expressar personas assertivas e independentes que lhes permitam expressar livremente sua identidade religiosa.
115	In opposition to the stereotype of Asian women as victims and recipients of patriarchal culture, they were “fighting back ... and were not going to accept racism, sexism or any other -ism” (Housee 2004, 69).	Em oposição ao estereótipo das mulheres asiáticas como vítimas e receptoras da cultura patriarcal, elas estavam lutando ... e não iriam aceitar racismo, sexismo ou qualquer outro -ismo" (Housee 2004, 69).

116	However, while spaces of opposition can and do open up, Les Back (2004) suggests there are two antagonistic forces at play in higher education. One moves unconsciously and haphazardly towards what Stuart Hall has called “multicultural drift” (Hall 2000) and the other remains the “sheer weight of whiteness” (Back 2004, 1).	Entretanto, enquanto espaços de oposição podem e se abrem, Les Back (2004) sugere que há duas forças antagônicas em jogo no ensino superior. Uma se move inconscientemente e casualmente em direção ao que Stuart Hall chamou de "deriva multicultural" (Hall 2000) e a outra continua sendo o "puro peso da branquitude" (Back 2004, 1).
117	With regard to the latter, in some institutions the “sheer weight of whiteness” is overt and almost impenetrable.	Com relação a esta última, em algumas instituições o "puro peso da branquitude" é evidente e quase impenetrável.
118	Research looking at the University of Cambridge shows how elite culture is self-reinforcing. The university was perceived by non-elite and female respondents at Cambridge as a white, male, “tough and macho” culture that was “secretive, intimidating and insular.”	Pesquisas feitas na Universidade de Cambridge mostram como a cultura de elite é auto afirmante. A universidade foi percebida pelos entrevistados que não são de elites e mulheres em Cambridge como uma cultura branca, masculina, "dura e machista" que era "secreta, intimidadora e insular".
119	It was assumed by respondents at Cambridge that those in privileged positions were there because of their ability and merit.	Foi pressuposto pelos entrevistados em Cambridge que aqueles que ocupavam posições privilegiadas estavam lá por causa de sua capacidade e mérito.
120	However, over 70% of readers and professors had a degree from Cambridge and a third of academics had no experience of any other university, the majority being there for over 20 years (Schneider-Ross 2001).	No entanto, mais de 70% dos leitores e professores tinham um diploma de Cambridge e um terço dos acadêmicos não tinha experiência em nenhuma outra universidade, a maioria estando lá por mais de 20 anos (Schneider-Ross 2001).
121	Nirmal Puwar (2004) draws on the social theorists Bourdieu and Foucault to explain how cultures of exclusion operate within contested social spaces such as universities:	Nirmal Puwar (2004) recorre aos teóricos sociais Bourdieu e Foucault para explicar como funcionam as culturas de exclusão dentro de espaços sociais conflituosos, como as universidades:
122	Social spaces are not blank and open for any body to occupy. Over time, through processes of historical sedimentation, certain types of bodies are designated as being the “natural” occupants of specific spaces.... Some bodies have the right to belong in certain locations, while others are marked out as trespassers who are in accordance with how both spaces and bodies are imagined, politically, historically and conceptually	Os espaços sociais não estão em branco e abertos para qualquer entidade ocupar. Com o tempo, através de processos de sedimentação histórica, certos tipos de corpos são designados como sendo os ocupantes "naturais" de espaços específicos.... Alguns corpos têm o direito de pertencer a determinados locais, enquanto outros são marcados como invasores que estão de acordo com a forma como tanto espaços como corpos são imaginados, política, histórica e conceitualmente circunscritos como sendo

	circumscribed as being “out of place.” (Puwar 2004, 51)	"fora do lugar". (Puwar 2004, 51)
123	Puwar suggests black bodies out of place are “space invaders.” She argues there are several ways in which black bodies are constructed when they do not represent the “racial somatic norm” within white institutions (Puwar 2001; 2004).	Puwar sugere que os corpos negros fora do lugar são "invasores do espaço". Ela argumenta que há várias maneiras pelas quais os corpos negros são construídos quando não representam a "norma somática racial" dentro das instituições brancas (Puwar 2001; 2004).
124	First there is “disorientation,” a double take as you enter a room, as if you are not supposed to be there. You are noticed and it is uncomfortable.	Primeiro há a "desorientação", uma dupla abordagem ao entrar numa sala, como se você não devesse estar lá. Você é notado e isso é desconfortável.
125	Like walking into a pub in a town where you don't live. There is confusion, as you are the not the naturally expected occupant of that position.	Como entrar em um <i>pub</i> em uma cidade onde você não mora. Há confusão, pois você não é o ocupante naturalmente esperado dessa posição.
126	I know this well: In many meetings, even though I am a professor, I have been mistaken as the coffee lady! Even students do a double take when they see you are the social-theory lecturer.	Eu sei disso muito bem: em muitas reuniões, embora eu seja professora, tenho sido confundida com a senhora do café! Até os próprios estudantes olham duas vezes quando eles veem que você é a professora de teoria social.
127	Second, there is “infantilization”—here, black lecturers are not only pigeonholed into being “just race experts” but also seen as less capable of being in authority.	Em segundo lugar, existe a "infantilização" - em nenhum lugar, os leitores negros não são apenas "especialistas em raça", mas também são vistos como menos capazes de estar em autoridade.
128	This can mean black staff are assumed to be more junior than they are (I have been told to get off the photocopier, as it is not for administrators).	O que pode significar que o funcionário negro é supostamente mais jovem do que eles (me disseram para sair da fotocopidora, pois não é para administradores).
129	There is a constant doubt about your skills, which can affect career progression. Third, there is the “burden of invisibility” translating into hyper-surveillance.	Há uma dúvida constante sobre suas habilidades, o que pode afetar a progressão na carreira. Em terceiro lugar, há o "fardo da invisibilidade" que se traduz em hiper-vigilância.
130	Here you are viewed suspiciously and any mistakes are picked up and seen as a sign of misplaced authority.	Aqui você é visto com suspeita e qualquer erro é detectado e visto como um sinal de autoridade equivocada.
131	You have to work harder for recognition outside of the confines of stereotypical expectations and can suffer disciplinary measures and disappointment if you do not	Você tem que se esforçar mais para ser reconhecido fora dos limites das expectativas estereotipadas e pode sofrer medidas disciplinares e desapontamento se não atender

	meet expectations in your work performance.	às expectativas em seu desempenho no trabalho.
132	Sometimes I am shocked by the deeply racist comments I hear in everyday life in the higher echelons of our “civilized” universities. Recently, I was on a search committee for the appointment of a chair in a prestigious university.	Às vezes fico chocada com os comentários profundamente racistas que ouço na vida cotidiana nos escalões superiores de nossas universidades "civilizadas". Recentemente, fiz parte de um comitê de busca para a nomeação de um presidente em uma universidade de prestígio.
133	I was sent an e-mail by a senior white male academic about the applications. He stated there had been several candidates, who were described in terms of their research (they were white and not racialized), and then he mentioned one application from a “not very credible Indian.”	Recebi um e-mail de um acadêmico branco sênior sobre as candidaturas. Ele afirmou que havia vários candidatos, que foram descritos em termos de suas pesquisas (eles eram brancos e não racializados), e então mencionou uma candidatura de um "indiano não muito credível".
134	Why was “the Indian” racialized and none of the others? What difference did it make that he was Indian?	Por que "o indiano" foi racializado e nenhum dos outros foram? Que diferença fazia o fato de ele ser indiano?
135	What was I being “told” in this coded message? Was it that “all Indians want to come to England and will try anything”?	O que estava me sendo “dito” nesta mensagem codificada? Todos os indianos querem vir para a Inglaterra e tentaram de tudo?
136	Or that other trope, that “Indian qualifications are not very good, and anyway an Indian can never be as good as a white (British) academic”?	Ou aquele outro tropo, que "as qualificações dos indianos não são muito boas, e de qualquer forma um indiano nunca pode ser tão bom quanto um acadêmico branco (britânico)"?
137	Why did the white male academic who sent the e-mail not think about what he was saying to me—a women of Indo-Caribbean heritage?	Por que os homens brancos acadêmicos que enviaram esse email não pensaram no que estavam dizendo. Uma mulher de etnia Indo caribenha?
138	Was it because even though I am one of them (an Indian) I am now also one of “us” (an honorary “white” who can speak their language)? Why did he say it at all? Maybe because he could.	Estavam, porque de certa forma sou uma delas (uma indiana) agora, sou uma de nós (uma honorária “branca” que também consegue falar a língua deles) por que ele me disse isso? Talvez porque podia.
139	Frantz Fanon’s timeless prose can help us understand the personal costs of the racialized phenomenon of “a not very credible Indian”:	A prosa atemporal de Frantz Fanon pode nos ajudar a entender os custos pessoais do fenômeno racializado de "um indiano não muito credível":
140	We have a Senegalese teacher. He is quite bright.... Our doctor is coloured. He is very gentle. It was always the Negro teacher, the	Temos um professor senegalês. Ele é absolutamente brilhante.... Nosso médico é de cor. Ele é muito gentil. Foi sempre o professor

	Negro doctor... I knew, for instance, that if the physician made a mistake it would be the end of him and all those who came after him.	negro, o médico negro... Eu sabia, por exemplo, que se o médico cometesse um erro seria o fim dele e de todos aqueles que vieram depois dele.
141	What could one expect, after all, from a Negro physician? As long as everything went well, he was praised to the skies. But look out, no nonsense under any conditions.... I tell you I was walled in; no exception was made for my fine manners, or my knowledge of literature, or my understanding of quantum theory. (Fanon 1986, 117)	O que se poderia esperar, afinal de contas, de um médico negro? Desde que tudo corresse bem, ele era elogiado pelos céus. Mas cuidado, nenhum disparate sob quaisquer condições.... Digo-lhes que fui emparedado; nenhuma exceção foi feita para minhas boas maneiras, ou meu conhecimento de literatura, ou minha compreensão da teoria quântica. (Fanon 1986, 117)
142	<b>Marginality, Resistance, and Decolonizing the Academy</b>	<b>Marginalidade, Resistência e Descolonização da Academia</b>
143	From the diaries of Cornelia Sorabji (Visram 2002) and the eloquent lectures of Patricia Williams (Williams 1997) we can begin to open up and understand the complex, multidimensional embodied world black and ethnicized women inhabit on the margins of white institutions.	A partir dos diários de Cornelia Sorabji (Visram 2002) e das palestras eloquentes de Patricia Williams (Williams 1997) podemos começar a abrir e compreender o mundo complexo e multidimensional que as mulheres negras e etnicizadas habitam às margens das instituições brancas.
144	Moreover, we need to understand black and ethnicized women's agency and subjectivity in relation to decolonizing their space on the margin.	Além disso, precisamos compreender a agência e a subjetividade das mulheres negras e etnicizadas em relação à descolonização de seu espaço à margem.
145	Marginality, as bell hooks (1991) argues, can be a space of radical location in which women of color can situate themselves in relation to the dominant group through "other ways of knowing."	A marginalidade, como argumenta Bell Hooks (1991), pode ser um espaço de localização radical no qual as mulheres de cor podem se situar em relação ao grupo dominante através de "outras formas de saber".
146	hooks recounts her own story of leaving home and going to university and becoming a successful academic:	Hooks reconta sua própria história de sair de casa e ir para a universidade e se tornar uma acadêmica de sucesso:
147	"When I left that concrete space on the margins, I kept alive in my heart ways of knowing reality ... [I was] sustained by remembrance of the past, which includes recollections of broken tongues that decolonize our minds, our very beings" (hooks 1991, 150).	"Quando deixei aquele espaço concreto nas margens, mantive vivas em meu coração as formas de conhecer a realidade ... [fui] sustentada pela lembrança do passado, que inclui lembranças de línguas quebradas que descolonizam nossas mentes, nossos próprios seres" (hooks 1991, 150).
148	She argues that we should reclaim the word "margin" from its traditional use as a marker of exclusion and see it as an act of positive	Ela argumenta que devemos recuperar a palavra "margem" de seu uso tradicional como um marcador de exclusão e considerá-la como um

	appropriation for black women:	ato de apropriação positiva para as mulheres negras:
149	Marginality is a central location for the production of a counter-hegemonic discourse—it is found in the words, habits and the way one lives.... It is a site one clings to even when moving to the center ...	A marginalidade é um local central para a produção de um discurso anti-hegemônico , ela é encontrada nas palavras, nos hábitos e na maneira de viver.... É um local ao qual nos agarramos mesmo quando nos mudamos para o centro ...
150	it nourishes our capacity to resist.... It is an inclusive space where we recover ourselves, where we move in solidarity to erase the category colonizer/colonized. (hooks 1991, 149–50)	nutre nossa capacidade de resistir.... É um espaço inclusivo onde nos recuperamos, onde nos movemos solidariamente para apagar a categoria colonizador/colonizado. (anzóis 1991, 149-50)
151	Black women appear to occupy parallel discursive spheres—a “third space” of radical opposition and alternative citizenship (Mirza 1997).	As mulheres negras parecem ocupar esferas discursivas “paralelas” , um "terceiro espaço" de oposição radical e cidadania alternativa (Mirza 1997).
152	Nancy Fraser calls this third space “hidden counter public” spheres; they are arenas where members of subordinated social groups invent and circulate counterdiscourses, which in turn permit them to formulate oppositional interpretations of their identities, interests and needs (Fraser 1994, 84).	Nancy Fraser chama este terceiro espaço de esferas "contra-públicas ocultas"; são arenas onde membros de grupos sociais subordinados inventam e circulam contra-discursos que, por sua vez, lhes permitem formular interpretações opostas de suas identidades, interesses e necessidades (Fraser 1994, 84).
153	In my research on African Caribbean women educators working in black community schools (supplementary or Saturday schools), I found black women worked alongside the dominant educational discourse (Mirza 2009).	Em minha pesquisa sobre educadoras caribenhas africanas que trabalham em escolas comunitárias negras (escolas complementares ou de sábado), encontrei mulheres negras trabalhando ao lado do discurso educacional dominante (Mirza 2009).
154	In their space on the margin, with their quiet and subversive acts of care and “other ways of knowing,” these women operate within, between, under and alongside the mainstream educational and labor market structures, subverting, renaming and reclaiming opportunities for their children through the transformative pedagogy of “raising the race”—a radical pedagogy that ironically appears conservative on the surface, with its focus on inclusion and dialogue with the mainstream.	Em seu espaço à margem, com seus atos silenciosos e subversivos de cuidado e "outras formas de saber", estas mulheres operam dentro, entre, sob e ao lado das estruturas educacionais e do mercado de trabalho dominante, subvertendo, renomeando e recuperando oportunidades para seus filhos através da pedagogia transformadora de "elevar a raça". Uma pedagogia radical que ironicamente parece conservadora na superfície, com seu foco na inclusão e no diálogo com a corrente dominante.

155	Black women appear to seek social transformation through educational change.	As mulheres negras parecem buscar a transformação social através da mudança educacional.
156	The African Caribbean women teachers in black supplementary schools, as indeed those working and studying in universities and schools, struggle for educational inclusion in order to transform opportunities for themselves and their children.	As professoras caribenhas africanas em escolas complementares negras, como de fato as que trabalham e estudam em universidades e escolas, lutam pela inclusão educacional a fim de transformar as oportunidades para si mesmas e para seus filhos.
157	In covert and quiet ways (unlike street riots, which signal masculine social change), these women work to keep alive the black communities' collective desire for self-knowledge and a belief in the power of schooling to militate against racial barriers (Fordham 1996, 63).	De forma encoberta e silenciosa (ao contrário dos motins de rua, que sinalizam uma mudança social masculina), estas mulheres trabalham para manter vivo o desejo coletivo das comunidades negras de autoconhecimento e a crença no poder da escola para militar contra as barreiras raciais (Fordham 1996, 63).
158	As Casey writes, education acquires a different meaning in the context of racist oppression:	Como escreve Casey, a educação adquire um significado diferente no contexto da opressão racista:
159	In a racist society ... to become educated is to contradict the whole system of racist signification ... to succeed in studying white knowledge is to undo the system itself ... to refute its reproduction of black inferiority materially and symbolically. (Casey 1993, 123)	Em uma sociedade racista ... tornar-se educado é contradizer todo o sistema de significação racista ... ter sucesso no estudo do conhecimento branco é desfazer o próprio sistema ... refutar materialmente e simbolicamente sua reprodução da inferioridade negra. (Casey 1993, 123)
160	For African Caribbean women, educational institutions are not just mechanisms through which individuals are unconsciously subjected to the dominant ideological system but rather, as the Brazilian critical theorist Paulo Freire argues, education is the terrain on which they acquire consciousness of their position and struggle (Freire 2004).	Para as mulheres caribenhas africanas, as instituições educacionais não são apenas mecanismos pelos quais os indivíduos são inconscientemente submetidos ao sistema ideológico dominante, mas sim, como argumenta o teórico crítico brasileiro Paulo Freire, a educação é o terreno no qual elas adquirem consciência de sua posição e luta (Freire 2004).
161	Just as the black women educators have, through their experience, developed a strategic rationalization of their situation and opportunities, so too have black and ethnicized women in higher education developed a sense of their space on the margin through self-actualization and self-definition.	Assim como as educadoras negras desenvolveram, através de sua experiência, uma racionalização estratégica de sua situação e oportunidades, assim também as mulheres negras e etnicizadas no ensino superior desenvolveram um sentido de seu espaço na margem através da auto-realização e autodefinição.

162	<b>Conclusion</b>	<b>Conclusão</b>
163	I began by asking the question, “How do racial and gender distinctions come to structure the experiences of black and ethnicized women in our places of learning?”	Comecei fazendo a pergunta: "Como as distinções raciais e de gênero vêm estruturar as experiências das mulheres de cor em nossos lugares de aprendizagem"?
164	This paper addresses the issue of black and ethnicized female identity and subjectivity by exploring the way the intersectionality of race and gender is systematically organized through embodied social relations in our places of higher learning	Este artigo aborda a questão da identidade e subjetividade feminina negra e etnicizada, explorando a forma como a interseccionalidade de raça e gênero é sistematicamente organizada através de relações sociais incorporadas em nossos lugares de ensino superior.
165	The Indian suffragettes and Cornelia Sorabji in late nineteenth century are symbolic of the erasure of an ethnicized black feminist/womanist presence in mainstream (white) educational establishments.	As sufragistas indianas e Cornelia Sorabji no final do século XIX simbolizam o apagamento de uma presença feminista/mulherista negra e etnicizada nos principais estabelecimentos de ensino (brancos).
166	An analysis of their embodied subjecthood illuminates the invisible ways in which their raced and gendered intersectional “difference” is lived out in the contingent historical specificity of the academic and educational discourse.	Uma análise de sua subjetividade encarnada ilumina as formas invisíveis em que sua "diferença" interseccional racial e de gênero é vivida na especificidade histórica contingente do discurso acadêmico e educacional.
167	They are “mute visible objects” excluded through processes of containment or surveillance, located on or in the margins of structures that conceal the technologies and power of monolithic whiteness.	Eles são "objetos visíveis mudos" excluídos através de processos de contenção ou vigilância, localizados sobre ou nas margens de estruturas que ocultam as tecnologias e o poder da branquitude monolítica.
168	The second question—“Why is there a persistent expression of educational desire and optimism among black and ethnicized women?”—	A segunda pergunta "Por que existe uma expressão persistente de desejo e otimismo educativo entre as mulheres negras e etnicizadas?"
169	is addressed through an understanding of the ways in which women of color continually resist and rename the regulatory effects of discourses of educational inequity and subjugation in higher education.	é abordada através de uma compreensão das formas pelas quais as mulheres de cor resistem continuamente e renomeiam os efeitos reguladores dos discursos de iniquidade educacional e subjugação no ensino superior.
170	Ultimately, black and ethnicized women engage in embodied work to decolonize higher education.	Em última etapa, as mulheres negras e etnicizadas se engajam em um trabalho corporificado para descolonizar o ensino superior.
171	They challenge systematic institutionalized discriminatory practices deeply embedded in	Elas desafiam práticas sistemáticas de discriminação institucionalizadas

	the academy through their collective agency and educational desire for personal transformation through knowledge and educational opportunities.	profundamente embutidas na academia através de sua agência coletiva e desejo educacional de transformação pessoal através do conhecimento e oportunidades educacionais.
172	Ultimately, black and ethnicized women engage in embodied work to decolonize higher education.	Em última análise, as mulheres negras e etnicizadas se engajam em um trabalho corporificado para descolonizar o ensino superior.
173	Notes 1. In this article I use the term “black and ethnicized women” (interchangeably with “women of color”), as being or becoming “ethnicized” brings into play the power relations that inform and structure the gaze of the “other” and symbolizes the movement between the culturalization of race and epidermalization of racial identification in different national discursive contexts (Mirza 1997b).	Notas: 1. Neste artigo utilizo o termo "mulheres negras e etnicizadas" (também visto como "mulheres de cor"), pois ser ou tornar-se "etnicizadas" coloca em jogo as relações de poder que informam e estruturam o olhar do "outro" e simboliza o movimento entre a culturalização da raça e a epidermização da identificação racial em diferentes contextos discursivos nacionais (Mirza 1997b).
174	While official policy terms in the UK, such as “black and minority ethnic” (BME), denote the social construction of difference through visible racial (black) and cultural (ethnic) markers, they do not emphasize the process of racial objectification (see Bhavnani, Mirza and Meeto 2005).	Embora os termos políticos oficiais no Reino Unido, como "black and minority ethnic" (BME), denotam a construção social da diferença através de marcadores raciais (negros) e culturais (étnicos) visíveis, eles não enfatizam o processo de objetificação racial (ver Bhavnani, Mirza e Meeto 2005).
175	2. For an image of Cornelia Sorabji, see the website of the National Portrait Gallery at <a href="http://www.npg.org.uk/whatson/display/2012/cornelia-sorabji-indias-first-woman-lawyer.php">http://www.npg.org.uk/whatson/display/2012/cornelia-sorabji-indias-first-woman-lawyer.php</a> . Accessed 6 October 2014.	2. Para uma imagem de Cornelia Sorabji, veja o site da Galeria Nacional de Retratos em <a href="http://www.npg.org.uk/whatson/display/2012/cornelia-sorabji-indias-first-woman-lawyer.php">http://www.npg.org.uk/whatson/display/2012/cornelia-sorabji-indias-first-woman-lawyer.php</a> . Acesso em 6 de outubro de 2014.
176	3. The image may be viewed on the Museum of London website: <a href="http://www.museumoflondonprints.com/image/79116/photograph-of-indian-suffragettes-on-the-womens-coronation-procession-17-june-1911">http://www.museumoflondonprints.com/image/79116/photograph-of-indian-suffragettes-on-the-womens-coronation-procession-17-june-1911</a> . Accessed 6 October 2014.	3. A imagem pode ser visualizada no site do Museum of London: <a href="http://www.museumoflondonprints.com/image/79116/photograph-of-indian-suffragettes-on-the-womens-coronation-procession-17-june-1911">http://www.museumoflondonprints.com/image/79116/photograph-of-indian-suffragettes-on-the-womens-coronation-procession-17-june-1911</a> . Acesso em 6 de outubro de 2014.